



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SANTARÉM**

**Olhares sobre**  
**A entrada da criança na Creche**

Mariana Nogueira Valério

**Orientação:**

Professora Teresa Sá

Mestrado em Educação Pré-Escolar

2015

*“Um bebé que é posto na Creche durante o primeiro ano de vida tem de fazer face diariamente à descontinuidade, numa altura da vida em que ainda não internalizou nem a representação de si próprio nem a representação do objeto materno. O sentimento de continuidade da experiência depende em grande parte das respostas do meio”*

**Gonçalves ( 2002).**

## **Agradecimentos**

Ao Instituto Politécnico de Santarém e Escola Superior de Educação, que me proporcionaram a Licenciatura em Educação Básica e, posteriormente, o Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Na Escola Superior de Educação de Santarém adquiri importantes conhecimentos com uma equipa de docentes profissional e dedicada que me fez estar atenta a novos desafios e experiências. Foram anos de empenho, trabalho, aprendizagens científicas, pedagógicas e humanas, que me irão ajudar certamente ao longo da vida e do meu percurso profissional.

À minha orientadora do Relatório de Estágio, a Professora Teresa Sá, que me acompanhou e auxiliou com todo o seu saber, disponibilidade, apoio e incentivo na realização deste trabalho.

À Coordenadora do Mestrado em Educação Pré-Escolar, Professora Leonor Santos que, com toda a sua experiência, me transmitiu neste curso mais e melhores conhecimentos face ao mundo da Educação de Infância.

A todos os professores do Mestrado em Educação Pré-Escolar que me enriqueceram sempre com saberes direcionados para a minha formação profissional e pessoal.

Às instituições que me receberam gentilmente, às educadoras de infância e aos pais que me concederam as entrevistas e inquéritos possibilitando este trabalho.

À minha família, que tanto estimo, que me ajudou a desenvolver a pessoa que sou, a minha auto-estima e a motivação a prosseguir e a “correr atrás do sonho”, acompanhando-me nos momentos mais delicados deste percurso.

Aos meus amigos, que tanto contribuíram para o meu crescimento pessoal.

## Resumo

O presente relatório, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar realizado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, está dividido em três partes. A primeira parte é dedicada aos estágios em dois contextos, o de Creche e o de Jardim-de-Infância e refere-se aos trabalhos e projetos desenvolvidos ao longo do percurso profissional. A segunda parte refere-se à componente investigativa *“Olhares sobre a entrada da criança na Creche”*.

O principal objetivo deste estudo centra-se em compreender algumas das dificuldades deste processo de transição/separação e como pode ele ser organizado por forma a constituir um momento que dê uma continuidade psíquica e bem-estar à criança pequena. Pretende-se ao longo deste estudo compreender quais os comportamentos/attitudes e as estratégias que o educador de infância pode implementar para responder às necessidades da criança e da família neste momento de separação.

O estudo realizado é de natureza qualitativa, recolhendo informação documental a partir da Bibliografia consultada e através das respostas a inquérito por questionário aos pais e inquérito por entrevista às educadoras de infância em Creches.

A terceira parte, considerações finais, sintetiza o percurso realizado e o seu contributo para o desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional da autora, como futura educadora de infância.

**Palavras-chave:** Criança; Entrada na Creche; Separação; Educador de Infância.

## **Abstract**

The first part is dedicated to the stages in two contexts, the Nursery and Garden-of-childhood and refers to works and projects developed throughout the career. The second part refers to the investigative component "*Perspectives on the child's entry into Kindergarten.*"

The aim of this study focuses on understanding some of the difficulties of this transition process / separation and how can it be organized in order to constitute a moment to give a psychic continuity and welfare of the small child. It is intended throughout this study comprises, what behaviors / attitudes and strategies that the educator must develop to meet the child's needs and family at this time of separation.

The study is qualitative, focusing on questionnaire surveys to parents and interview surveys to childhood educators in Creches. This study analyzed the methods and discusses the findings in the light of bibliography on the subject.

The third part concludes by summarizing past experiences and their contribution to the development and personal and professional growth of the author, as a future kindergarten teacher.

**Keywords:** Child; Nursery; Separation; Teacher.

## Índice Geral

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Parte I – Os Estágios</b> .....	10
Contextualização.....	10
Contextos de Estágio .....	11
<b>1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche</b> .....	11
1.1.1. Caracterização da instituição .....	11
1.1.2. Caracterização da sala e recursos educativos .....	13
1.1.3. Caracterização do grupo de crianças .....	15
1.1.4. Projetos educativos .....	16
1.1.5. Projeto de intervenção de estágio .....	17
1.1.6. Avaliação do projeto .....	18
<b>2.1. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância</b> .....	19
2.2.2. Caracterização da sala e recursos educativos .....	21
2.2.3. Caracterização do grupo de crianças .....	23
2.2.4. Projetos educativos.....	25
2.2.5. Projeto de intervenção de estágio.....	26
2.2.6. Avaliação do projeto .....	27
<b>3. Percursos de Desenvolvimento Profissional</b> .....	28
<b>4. Percorso Investigativo</b> .....	32
<b>Parte II – Componente Investigativa</b> .....	34
Contextualização.....	34
<b>Fundamentação Teórica</b> .....	35
1.1. Breve passeio pelo desenvolvimento da criança pequena .....	35
1.2. Da construção dos vínculos .....	38
1.3. Da separação .....	41
1.4. Da interação com outras crianças, do medo do desconhecido e da segurança interiorizada .....	42
1.5. A adaptação à Creche .....	44
1.6. O educador de infância em Creche .....	49
1.7. O papel das famílias nos processos de adaptação.....	50
<b>2. Aspetos metodológicos</b> .....	52

2.1. Natureza do estudo.....	52
2.2. Questões e objetivos do estudo .....	52
2.3. Participantes do estudo .....	53
2.4. Instrumentos e procedimentos de recolha de dados.....	55
2.5. Apresentação e análise dos dados recolhidos .....	57
I -Inquérito por questionário aos pais.....	57
II -Inquérito por entrevista com educadoras de infâncias .....	71
2. 6. Leitura dos dados recolhidos .....	78
2.6.1. Inquéritos aos pais:.....	78
2.6.2. Entrevistas às educadoras de infância: .....	80
2.7. Contributos para a discussão dos resultados.....	83
2.8. Considerações finais .....	93
<b>Parte III – Reflexão Final .....</b>	<b>94</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>97</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>101</b>

## **Índice de imagens**

**Ilustração 1:** Exploração com espuma de barbear no espelho.

**Ilustração 2:** Pintura livre de um painel com o auxílio de pincel.

**Ilustração 3:** Pintura livre de um painel com o auxílio às esponjas de banho.

**Ilustração 4:** Exploração e pintura com berlindes.

**Ilustração 5:** Exploração de diferentes materiais (papel de alumínio, algodão, tecidos, entre outros).

**Ilustração 6:** Exploração dos balões e sacos multissensoriais.

**Ilustração 7:** Confeção das bolachas de manteiga.

**Ilustração 8:** Exploração da massa com corante alimentar.

**Ilustração 9:** Observação da experiência “*Será que as flores bebem?*”

**Ilustração 10:** Visita ao Mercado Municipal de Santarém “*As profissões*”.

**Ilustração 11:** Conhecimento do interior e exterior do corpo humano.

**Ilustração 12:** Dramatização da história “*Família Valentim*”.

**Ilustração 13:** Ateliês do Dia da Família.

**Ilustração 14:** Sessão de psicomotricidade.

**Ilustração 15:** Experiência “*Vamos testar a capacidade pulmonar*”.



## **Introdução**

O presente Relatório, intítulado, “*Olhares sobre a entrada da criança na Creche*”, foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação de Santarém e foi orientado pela Professora Maria Teresa Sá.

Visa abordar a separação do bebé ou criança pequena da família e a sua adaptação à Creche. A entrada da criança na Creche é uma nova fase de vida que envolve a criança, as famílias e os educadores. A separação da família e adaptação à Creche é um processo que necessita de particular atenção. A presente investigação dá a conhecer a forma como se realiza o processo de separação da família e integração da criança (dos três aos vinte e quatro meses) na Creche e de como as Creches e educadores “olham” para este grande momento.

Enquanto mestranda em Educação Pré-Escolar considero que é importante identificar padrões de vinculação nos primeiros anos de vida de um bebé e perceber como o bebé ou criança pequena se adapta à Creche, assim como refletir como poderão os(as) profissionais de educação de Infância, nas salas de berçário e de um ano, promover e facilitar a qualidade dos cuidados à criança e à família. Amar uma criança é como um círculo que se vai alargando e completando. Quando mais se dá, mais se recebe e, quanto mais se recebe, mais vontade se tem de retribuir.

O relatório está dividido em três partes. A primeira parte apresenta os contextos de estágio em Creche e Jardim-de-Infância, inclui a caracterização das instituições, das salas e dos grupos de crianças, e por fim, os projetos desenvolvidos ao longo dos estágios. Integra o percurso de desenvolvimento profissional abordando as aprendizagens, as intervenções e questões que surgiram no decorrer da prática pedagógica. Nesta primeira parte também se integra o percurso investigativo e a origem do tema/questão de pesquisa “*Olhares sobre a entrada da criança na Creche*”, que será desenvolvida na segunda parte deste trabalho. A segunda parte apresenta a componente investigativa. Inicia-se com o enquadramento teórico, aborda os aspetos metodológicos do estudo, as entrevistas, os inquéritos, a síntese do estudo e a leitura e discussão dos resultados em conformidade com as teorias estudadas.

A terceira parte engloba as considerações finais, apresentando o meu percurso académico e a importância que os diferentes contextos tiveram para o meu enriquecimento pessoal e profissional.

## **Parte I – Os Estágios**

### **Contextualização**

O meu primeiro estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar, em contexto de Creche, realizou-se em outubro de dois mil e treze, mas por motivos de saúde tive que o interromper. Em março de dois mil e catorze iniciei o estágio em contexto de Jardim de Infância, tendo retomado no 1º semestre de dois mil e catorze o estágio em Creche.

Realizei o meu estágio em Jardim de Infância, de dez de março a trinta de maio de dois mil e catorze, numa instituição particular de solidariedade social – IPSS, com vinte e quatro crianças (onze raparigas e doze rapazes) com idades compreendidas entre os três e os cinco anos de idade.

O estágio de Creche decorreu de vinte e oito de outubro a dezanove de dezembro de dois mil e catorze, numa instituição privada, com dezassete crianças (dez rapazes e sete raparigas), com idades compreendidas entre um ano e meio e dois anos de idade.

Ambos os estágios foram realizados com uma colega. Juntas desenvolvemos Projetos de Intervenção que nos acompanharam ao longo das nossas práticas.

Os projetos que de seguida se apresentam surgiram de acordo com o tema do projeto da instituição ou da sala de atividades. Tendo em conta as problemáticas apresentadas nos projetos e os objetivos traçados, fizemos uma planificação semanal. As primeiras semanas foram assumidas pelo par e as restantes foram alternadas. Destaco o trabalho cooperativo que contribuiu decisivamente para o exercício da minha prática.

A Parte I do presente relatório apresenta os projetos desenvolvidos e algumas das atividades realizadas em ambos os contextos de estágio.

## **Contextos de Estágio**

### **1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche**

#### **1.1.1. Caracterização da instituição<sup>1</sup>**

A Creche onde realizei o estágio, sendo embora uma instituição particular, recebe apoio financeiro do Ministério da Educação e do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. O ano letivo inicia-se em setembro e vai até julho, encerrando a instituição no mês de agosto para férias, bem como nos dias de interrupção correspondentes ao calendário escolar (feriados, dia de Natal, entre outros).

Existia uma coordenadora pedagógica, que chefiava a valência da Creche, do Pré-Escolar e 1ºCiclo. Na valência de Creche existia uma planificação anual comum a todas as salas sendo que cada educadora estruturava os objetivos pedagógicos correspondentes à sua faixa etária (planificação de sala). Na instituição era feito um planeamento prévio das atividades curriculares a desenvolver durante o ano letivo e mensalmente as educadoras convocavam os pais para os porem a par das aprendizagens e interesses das crianças.

Em cada sala de Creche é realizada uma grelha de registo de observação, que abrange as seguintes competências: adaptação à escola; área socioafectiva; área cognitiva; área de comunicação; área motora; área da autonomia; a sesta. Estas informações são comunicadas aos pais no final de cada período. A instituição era frequentada por crianças provenientes de meios socioeconómicos e culturais diversos, residindo em várias freguesias da cidade, com idades compreendidas entre os quatro meses e os seis anos de idade.

Esta instituição de ensino tem como objetivo promover uma educação exemplar na tarefa de educar crianças.

O método João de Deus, caracterizado pela utilização da Cartilha Maternal, publicada em 1876 é, ainda hoje, a metodologia seguida nesta instituição para a iniciação precoce à leitura e à escrita. O modelo da instituição recebeu igualmente a influência de Froebel, Maria Montessori e Decroly.

---

<sup>1</sup> As informações foram recolhidas através de conversas informais com a Educadora Cooperante, uma vez que não tivemos acesso ao Projeto Educativo da instituição e respetivas informações.

A metodologia de ensino João de Deus pretende que a criança tenha um desenvolvimento global, promovendo o ensino sistemático do português (cartilha maternal) e da matemática (material específico), a abordagem de temas do quotidiano, jogos variados que estimulem a aprendizagem multissensorial, exercícios de linguagem, canto e gestual e, por fim, trabalhos de desenho, manuais e de modelagem.

No que diz respeito à organização do contexto educativo, cada sala era organizada por níveis etários e cada faixa etária tinha o seu programa. Procurava-se criar um ambiente de relações e interações, praticando uma metodologia ativa que ocorre no quadro de uma arquitetura funcional e contemporânea valorizando a identidade cultural, evidenciada pelo ambiente harmonioso e humano. A decoração era simples, privilegiando-se em cada espaço a arte infantil. Assente no pressuposto “*As paredes também são mestras*”, é de salientar o envolvimento das famílias/docentes em todo o processo de harmonização do espaço.

A instituição dispõe de quatro salas na valência de Creche (Berçário; sala de um ano; sala de um ano/meio e sala de dois anos). O espaço exterior encontra-se equipado de modo a proporcionar momentos de brincadeira, de bem-estar e de segurança às crianças. Este espaço era partilhado pelas duas valências da instituição, possibilitando o horário que as crianças de diferentes faixas etárias interajam. Todo o espaço se encontra equipado de modo a que as crianças possam estar, brincar e aprender em segurança. Relativamente às valências de Jardim-de-infância e 1º ciclo, o espaço encontra-se organizado ajustando as necessidades das crianças às metodologias implementadas. No espaço comum a todas as crianças encontra-se uma sala polivalente, que divide a Creche do Jardim-de-Infância, e este do 1º ciclo, equipada com uma diversidade de materiais. A instituição tem um salão principal, circundado pelas salas existentes, casas de banho, uma copa (onde se preparam algumas refeições dos bebés), cozinha e a respetiva sala de refeições/cantina, onde as crianças almoçavam e lanchavam de acordo com a sua rotina.

É de salientar a existência de rampas em todo o edifício, que realça, mais uma vez, a preocupação da instituição em corresponder tanto às necessidades das crianças como das próprias famílias, facilitando o acesso e a movimentação em toda a instituição.

No que diz respeito à valência de Creche, as quatro salas existentes encontram-se equipadas com materiais educativos, produtos de higiene e segurança, que promovem, acima de tudo, o bem-estar, desenvolvimento, criatividade e o processo de exploração autónoma das crianças.

A rotina diária da valência de Creche é composta da seguinte forma:

**08:00h – 09:30h : Acolhimento**

- Brincadeira livre do grupo de crianças na sala de atividades

**09:30h -11:00h : Tempo em grande grupo/Atividades dirigidas**

- Canção do “Bom dia”, entrega da bolacha e realização das atividades pedagógicas

**11:00h – 11:45h : Almoço e higiene**

- Almoço na sala de atividades e higiene pessoal

**12:00 – 14:20h: Sesta**

- Sesta na sala de atividades

**14:30 – 15:00h: Lanche e higiene**

- Lanche na sala de atividades e higiene pessoal

**15:00 – 16:00h: Brincadeira livre do grupo de crianças no recreio**

- O grupo dirige-se ao recreio para a realização de brincadeiras livres

**Nota: As crianças dos dois anos de idade vão ao refeitório com a respetiva sala dos dois anos.**

### **1.1.2. Caracterização da sala e recursos educativos**

A sala de atividades que acolhe o grupo de crianças com quem realizei o meu estágio apresentava as paredes coloridas, o que possibilitava um ambiente confrontável e apelativo. A boa luminosidade era favorável à sala, como também as duas portas que dão acesso para o recreio da instituição. No interior da sala eram visíveis trabalhos realizados pelo grupo de crianças. À entrada da sala existia um cabide individual onde as crianças deixavam os casacos e a respetiva muda de roupa, caso houvesse necessidade de mudar. Ao canto encontravam-se as camas empilhadas para cada criança, equipadas com os lençóis e o respetivo objeto de apego. Ao centro da sala encontrava-se um tapete onde a educadora cooperante reunia com o grupo de crianças e realizava atividades pedagógicas.

A sala contém uma mesa e cadeiras adaptadas à faixa etária, que eram utilizadas à hora das atividades pedagógicas e refeições e dispunha de materiais pedagógicos para a referida faixa etária, nomeadamente: chocalhos, bolas de diferentes tamanhos e texturas, bonecas, cubos de diferentes tamanhos e cores, material de enfiamento (bolinhas, contas e outros objetos perfurados), carrinhos para puxar, livros com figuras, caixa surpresa, roupas de boneca balancé e um peluche gigante onde as crianças, deitadas sobre ele, bebiam o leite ao lanche, nos dias em que o alimento era este.

Ao canto da sala existiam duas mesas e cadeiras adaptadas à faixa etária das crianças que eram utilizadas à hora do lanche e para a realização das atividades pedagógicas. No fraldário (com parede envidraçada) podíamos encontrar os bacios expostos de modo a que as crianças conhecessem o seu, bem como, sanitas adaptadas ao tamanho da criança, chuveiro, elementos de higiene, como toalhetes, pomadas, fraldas e a chucha.

Destaco ainda o espelho que se encontrava presente na sala, elemento essencial nas durante os primeiros anos da criança. Segundo Lima (2008) *“A experiência do espelho proporciona a autodescoberta durante o desenvolvimento da criança. Logo cedo, o bebé começa a se perceber como sujeito e obter consciência corporal para se desenvolver e se organizar no espaço. (...) Durante o primeiro ano de vida, aproximadamente por volta dos seis a oito meses, a criança percebe que é um ser separado da mãe, iniciando o processo de construção da própria identidade. (...) fica fascinado com a experiência de ver a sua imagem refletida no espelho. Todas essas vivências dão início à autodescoberta, uma exploração que permite à criança descobrir como seu comportamento repercute no ambiente, fator essencial para que ela se perceba como alguém diferente do outro. (...).”*(p.1).

A disposição da sala pareceu-me adequada, embora a meu ver não pareça tão acertado o facto dos materiais pedagógicos se encontrarem empilhados em caixas, o que dificultava o acesso ao grupo de crianças, limitando a sua exploração autónoma. Na verdade, as crianças precisavam sempre do auxílio do adulto para poderem explorá-los.

### 1.1.3. Caracterização do grupo de crianças

O grupo que acompanhei era constituído por dezassete crianças com idades entre um ano e meio e dois anos. A maioria do grupo frequentava a instituição desde o berçário e pareceu-me adaptada à Creche. Destaco a entrada de um menino no fim do mês de outubro que evidenciou uma grande dificuldade em adaptar-se ao grupo e à instituição. Toda a equipa educativa esteve sensível às necessidades afetivas que acompanharam o processo de adaptação ao novo contexto. Foram semanas em que senti a necessidade de olhar de modo diferente para a questão da entrada da criança na Creche. Proporcionou-me a realização de leituras e a oportunidade de questionar a educadora cooperante sobre o modo de preparação e adaptação da criança à instituição.

De modo geral, o grupo expressava-se pelas suas preferências, curiosidades, as crianças interagiam com o adulto quando lhes prestava cuidados, expressavam-se através de sons, gestos e palavras, mostravam interesse nas brincadeiras, em grandes e pequenos grupos. Revelavam envolvimento quando brincavam com objetos ou materiais apelativos em torno do sensório-motor, apresentavam preferências por elementos que pudessem agarrar e que fizessem barulho.

Segundo Oliveira (2009) *“Educar é possibilitar à criança o seu crescimento e o desenvolvimento das suas potencialidades e não adestrar a criança em costumes e conhecimentos.”* (p.43). De acordo com a faixa etária (um ano e meio e dois anos), as crianças aprendem e desenvolvem-se bem na interação com pessoas que cuidam delas, que as respeitam, que lhes conferem confiança e que lhes transmitem afeto. Era visível no grupo a necessidade de as crianças construírem laços de vinculação e, por sua vez, encontravam-se muito seguras às suas figuras de vinculação e objetos de apego. Também segundo Correia & Dias (2012) *“a criança até aos três anos mostra capacidade para pensar sobre o mundo e sobre si mesma na interação que vai estabelecendo com as pessoas e os objetos.”* (p.4).

Ao longo das observações e intervenções pude observar que o grupo de crianças demonstravam, ao longo da rotina e atividades dirigidas, autonomia na participação e na elaboração das atividades. As aprendizagens eram feitas mediante a repetição, a imitação e a experimentação, o que permitia às crianças situarem-se perante si próprias e perante os outros. No brincar, a criança vai aprendendo as propriedades dos objetos

(tamanho, forma, cor,...) e a utilizá-los como ferramentas de resolução dos problemas que se lhe colocam.

As atividades desenvolvidas pela equipa de educadores eram delineadas tendo em conta a faixa etária e níveis de desenvolvimento. Destaco o trabalho diferenciado que a educadora cooperante realizava com as crianças de dois anos.

A meu ver, esta questão é essencial, uma vez que a cooperante se encontrava sensibilizada para a diversidade de idades que existia na sala, realizando trabalho diferenciado.

Citando Duarte (2004) “(...)cada criança é portadora de características individuais e o estímulo para o seu desenvolvimento global, favorece aprendizagens significativas e diferenciadas. Assim, admitir que a criança tem um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, permite-nos vê-la como sujeito ativo do processo educativo. As crianças constroem uma compreensão própria do mundo através do envolvimento com pessoas, materiais e ideias.(...).” (p.35).

#### **1.1.4. Projetos educativos**

A ação pedagógica defendida e praticada pela instituição tem por base o Método Pedagógico de João de Deus. Ao longo da minha intervenção não tive infelizmente acesso ao projeto educativo tratado na instituição, uma vez que a coordenação nunca se disponibilizou para receber o grupo de estagiárias. Através de conversas informais com a educadora cooperante pude compreender que não existiam projetos de sala, mas sim planos anuais e mensais de atividades com o intuito de delinear os objetivos específicos a trabalhar com as respetivas faixas etárias. No que diz respeito à organização do contexto educativo, cada sala era organizada por níveis etários horizontais e cada faixa etária tinha o seu programa. Procura-se criar um ambiente de relações e interações, em que são banidos os prémios e os castigos, praticando uma prática de disciplina ativa.

Pude entretanto constatar que a criança que é ensinada num modelo como o de João de Deus está dependente do adulto, ou seja, ela tem liberdade de escolha, mas essa escolha é sempre condicionada pelo adulto cooperante. Por exemplo, o material que a criança tinha disponível para brincar na sala de atividades era anteriormente selecionado



pela educadora, de forma a atingir os objetivos traçados. Nem todos os materiais lúdico-didáticos estavam com efeito ao dispor do grupo de crianças, muitos dos materiais estavam guardados em caixas e em armários, não estando disponíveis sempre que as crianças desejavam. Esses materiais (jogos de encaixe, livros, carros, bonecos, entre outros) eram dados à criança pela educadora sempre com uma intencionalidade educativa e não com o intuito de a criança realizar uma exploração livre. As práticas de João de Deus que observei pretendem que a criança ocupe todo o seu tempo com atividades que tenham um caráter de aprendizagem, não me parecendo que deixem espaço para as crianças poderem brincar livremente e fazerem descobertas sem orientação do adulto.

### **1.1.5. Projeto de intervenção de estágio**

Nos primeiros anos de vida, quando se dá a inserção na Creche, a criança deve ser envolvida por uma atmosfera de ternura, de carinho e de atenção individual, respeitando os ritmos próprios de desenvolvimento.

Um dos princípios fundamentais do projeto de intervenção, intitulado “*Mexe mexe com razão*”<sup>2</sup> privilegiou a relação afetiva com as crianças, pois a continuidade de cuidados e estímulos promovem a vinculação da criança à Creche.

Considerando a Creche um espaço seguro e de aprendizagens constantes, pretendemos ir ao encontro do trabalho realizado pela educadora cooperante que, segundo nos tem sido dado observar, demonstra um grande interesse pelas crianças no que toca à execução de atividades que promovam o desenvolvimento multissensorial. Privilegiámos a individualidade de cada criança realizando constantemente uma observação das necessidades das mesmas, ao nível das diferentes áreas de desenvolvimento. Possibilitámos a cada criança experimentar, despertar, sentir, imaginar e criar, indo ao encontro do enriquecimento do desenvolvimento multissensorial. Destacamos, sobretudo, a motricidade fina e global que contribui de maneira expressiva para a formação e estruturação do esquema corporal.

Tivemos como objetivo principal incentivar a descoberta do mundo através das sensações na presente etapa da vida da criança. Através destas ações as crianças criam, interpretam e relacionam o mundo que as envolve. Não só se trabalha a nível motor como também se apela e solicita outras áreas de desenvolvimento como a afetividade e

---

<sup>2</sup> Ver Anexo 1: Atividades desenvolvidas no projeto de intervenção.

a linguagem. Havendo um leque de domínios que são trabalhados em simultâneo, a atividade lúdica é apropriada para a criança desenvolver aptidões perceptivas como meio de ajustamento do comportamento psicomotor. Ambicionámos, sobretudo, envolver o grupo em movimentos gerais com todo o corpo (cabeça, ombros, braços, pernas, pés), fazendo com que vários grupos musculares atuem ao mesmo tempo para executar movimentos voluntários complexos, bem como executar atividades que impliquem os dedos, as mãos e os pulsos. As atividades foram realizadas em grande grupo, em par e em individual.

A aprendizagem multissensorial consiste num conjunto de experiências significativas nas quais vários sentidos trabalham ao mesmo tempo. Segundo Howe (2002) citado por Fernandes (2013) as crianças, apesar de terem um ou dois anos de idade, formam as suas próprias ideias e conceitos acerca dos fenómenos e acontecimentos com que contactam no seu dia-a-dia. (p.53). Esse conhecimento teórico faz-nos compreender que os primeiros anos de vida são determinantes para o futuro desenvolvimento dos sentidos e, conseqüentemente, das emoções, da inteligência e da capacidade motora.

Considerando que o período de vida atendido pela educação infantil (zero a cinco anos) se caracteriza por marcantes aquisições (a marcha, a fala, o controlo do esfíncter, a formação da imaginação, a capacidade de se expressar etc.) que estão diretamente ligadas ao desenvolvimento dos sentidos, a Creche, como instituição educativa e, portanto, espaço de aprendizagem, não pode descuidar desse aspeto tão importante do desenvolvimento infantil.

Em suma, a nossa intervenção centrou-se em experiências sensoriais que surgiram de modo a alcançar os objetivos pretendidos, dando resposta à natural curiosidade das crianças acerca da exploração do mundo à sua volta.

### **1.16. Avaliação do projeto**

A avaliação do projeto foi realizada através de observação direta do grupo, da motivação das crianças no desempenho das atividades, do feedback dos familiares, comunidade educativa e de registos escritos.

Destacamos sobretudo a construção de uma grelha de observação individual que terá lugar ao longo da realização de qualquer atividade, focando alguns indicadores de

desempenho que são registados para melhor perceber a interação da criança ao longo das mesmas. Esta grelha de avaliação individual<sup>3</sup> apresenta-se fundamental, pois segundo Vasconcelos (1987) “*Cada criança é uma pessoa única com um padrão individual e timing (tempo) de crescimento, e também com uma personalidade individual, estilo de aprendizagem e origem familiar.*” (p.27).

Assim, o trabalho que foi desenvolvido foi sempre adaptado e direccionado para as necessidades e interesses de cada criança e do grupo.

Os instrumentos utilizados foram as fotografias, os vídeos, as produções finais e alguns registos escritos no decorrer das atividades. Os registos escritos são instrumentos que permitem avaliar o trabalho desenvolvido, permitindo uma reflexão/conclusão daquilo que foi desenvolvido. Consideramos que os vídeos e as fotografias são instrumentos de avaliação muito importantes, pois permitem, numa fase posterior, reviver o momento, refletindo e avaliando, assim como se estivéssemos a fazê-lo no próprio instante. Não esquecendo as evoluções que ocorrem ao longo do desenvolvimento e sendo cada uma delas peças essenciais na construção da criança.

Em suma, a avaliação do projeto educativo constitui um instrumento indispensável para o aperfeiçoamento e melhoria do próprio projeto.

Entre outras evidências e contributos a avaliação do projeto educativo permite reconhecer os seus pontos fortes e os pontos fracos, rever estratégias e métodos de trabalho, perspetivar a regulação da ação educativa e contribuir para a formação dos atores participantes.

## **2.1. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância**

### **2.1.1. Caracterização da instituição**

A valência de Pré-Escolar pertence a uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). A valência do Pré-Escolar situa-se no rés do chão do edifício, sendo constituída por seis salas: duas de três anos, duas de quatro anos e duas salas de cinco anos. As crianças destas valências podiam usufruir de dois espaços exteriores (pátios) parcialmente cobertos. Todos estes espaços estavam equipados com material didático

---

<sup>3</sup> Ver Anexo 2 : Grelhas de Observação.

diverso e adequado às idades. As Creches situam-se no primeiro andar da ala direita e esquerda, sendo compostas por berçário, sala de um ano, sala de dois anos e refeitório.

Relativamente ao calendário de funcionamento e prolongamento, o ano letivo inicia-se em setembro e vai até julho, encerrando no mês de agosto por motivos de férias, bem como nos dias de interrupção do calendário escolar (feriados, dia de Natal, entre outros).

Em relação a cada unidade existia uma responsável, denominada por coordenadora pedagógica, que chefiava a valência da Creche e do Pré-Escolar.

A coordenadora pedagógica, sendo formada em educação de infância, exercia funções de apoio à ação educativa, geria as verbas para o bom funcionamento das salas, comunicava as propostas educativas/decisões/sugestões à direção, elaborava o plano anual de atividades, projeto educativo da unidade, intitulado *“Educar para a Vida”*, e aprovava os projetos pedagógicos de salas.

A instituição era frequentada por um total de sessenta e oito crianças na Creche e cento e cinquenta crianças no Pré-Escolar, provenientes de meios socioeconómicos e culturais diversos, residindo em várias freguesias da cidade, com idades compreendidas entre os quatro meses e os seis anos de idade. Existiam sete educadoras licenciadas em educação de infância, incluindo a coordenadora, e ainda treze funcionários que prestavam serviço não docente, tais como funcionários da limpeza, cozinha e respetivas ajudantes. A instituição dispunha de pessoas com qualificações adequadas às funções que desempenhava com as crianças do Pré-Escolar, existindo cinco professores licenciados que lecionam as atividades extracurriculares nas diferentes áreas.

Segundo a informação contida no projeto pedagógico da instituição, intitulado *“Educar para a Vida”*, a unidade tem como principais finalidades apoiar e colaborar com a família no processo evolutivo da criança, proporcionar o bem-estar da criança nos tempos pedagógicos e de lazer, integrar socialmente a criança e colaborar de forma eficaz no despiste precoce de qualquer inadaptação, assegurando o seu encaminhamento adequado. Não existe nenhum modelo pedagógico a que a instituição dê particular destaque. Cada educadora de infância tinha autonomia pedagógica para desenvolver as suas próprias metodologias, indo ao encontro dos interesses e necessidades de cada criança. Considerando a educação Pré-Escolar a primeira etapa da Educação Básica no processo de educação ao longo da vida, é essencial a participação ativa das famílias.

Citando Saracho & Spodek (1998), “(...) *A comunicação entre as famílias e os professores ajuda a construir a compreensão e a orientação mútuas e proporciona uma maior coerência para as crianças.*” “(...) *eles devem ser estimulados a observar e participar. Os professores são responsáveis por estabelecer e manter contatos frequentes com as famílias.*”(p.411). Indo ao encontro desta linha de pensamento, verificava-se claramente que existia uma parceria escola-família, havendo uma participação ativa das famílias nas aprendizagens dos seus educandos.

As OCEPE (1997) permitem-me verificar o quanto são essenciais essas práticas ao longo da educação das crianças: “*incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.*”(p.16), “*complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação.*”(p.22), “*sendo a educação pré-escolar complementar da ação educativa da família, no sentido de encontrar, num determinado contexto social, as respostas mais adequadas para as crianças e famílias, cabendo aos pais participar na elaboração do projeto educativo do estabelecimento.*”(p.22).

Tendo em conta o projeto educativo da instituição, era essencial estabelecer um clima de cooperação, favorecendo a formação e desenvolvimento equilibrado da criança. Em consonância com o projeto educativo da unidade e com base na problemática da preservação do meio ambiente, as educadoras de infância das respetivas valências elaboravam o seu projeto pedagógico de sala e o seu plano de atividades de acordo com os interesses e necessidades específicas de cada grupo de crianças. A problemática escolhida teve como objetivo principal fomentar nas crianças atitudes de respeito, de valorização e de crítica pelo meio ambiente, bem como na relação com os seus pares.

### **2.2.2. Caracterização da sala e recursos educativos**

A sala do grupo dos três e cinco anos, na qual realizei o meu estágio, era uma sala que se encontrava dividida por várias áreas: a escrita, a plasticina, o faz de conta, o inventor, a biblioteca, os jogos de mesa e a garagem/construções. Uma das potencialidades da sala era a variedade de jogos existentes, pois possuía jogos de variadas naturezas que permitiam desenvolver competências, capacidades e

conhecimentos, quer ao nível da matemática, quer ao nível do conhecimento do mundo, como é o caso dos jogos de correspondência com figuras de animais, entre outros.

A disposição das mesas em conjunto facilitava uma maior interação das crianças nas atividades orientadas. Em relação ao tempo de acolhimento da manhã, verificava-se um interesse pelas experiências familiares de cada criança, tornando-se uma experiência significativa de partilha entre crianças e adulto.

Tendo em conta o plano anual de atividades da sala, verificámos que o modelo curricular que orientava a ação educativa e, por sua vez, a organização do espaço centrava-se por áreas temáticas de atividade, estando cada uma disposta ao nível da criança, respondendo aos seus interesses e necessidades, estando a organização da sala fundamentada no Movimento da Escola Moderna (MEM). O presente modelo abordava a importância do tempo em grande grupo, sendo este caracterizado pela partilha de saberes, cooperação e interação em torno da socialização. Por sua vez, as normas e as regras eram criadas e aprovadas pelo grupo, com a participação de todos.

Marques (1997) citando Freinet refere “(...) a importância da participação na tomada de decisões como a estratégia mais adequada para ensinar valores.(...)”(p.112). Os vários instrumentos de organização social do grupo que contribuíram para a gestão e organização do mesmo, tais como o quadro de presenças, o quadro das responsabilidades, o calendário dos aniversários e cartazes de identificação nas áreas existentes na sala, são um exemplo que comprovam a presença da metodologia de trabalho de projeto. Também as OCEPE (1997) nos remetem para a importância de um espaço educativo em torno das necessidades das crianças e, por sua vez, da ação educativa. Assim, cada educador deve definir as suas prioridades de acordo com o seu projeto educativo, possibilitando ao grupo o conhecimento do espaço, materiais que enriqueçam os seus saberes. (p.38).

A sala de intervenção caracterizava-se por ser um espaço amplo, que permite às crianças realizar as diferentes atividades educativas. A boa luminosidade era favorável à sala, como também as duas portas que dão acesso para o recreio da instituição. Na sala existia unicamente uma casa-de-banho destinada a uso das crianças, a qual possuía equipamentos adaptados à sua morfologia e necessidades. Existiam na sala diversos placares que serviam para expor os trabalhos realizados pelas crianças, bem como o quadro das presenças, quadro do tempo e folhas de reflexão semanal, situados na área

do tapete (atividades de grande grupo – tempo de planear). Uma das grandes vantagens da sala residia no fato de a decoração ser enriquecida com os trabalhos produzidos pelas crianças, os quais se encontravam afixados ao seu nível para que fosse possível a sua visualização e, por outro lado, fosse estimulante e cativante para o grupo de crianças.

A sala era, acima de tudo, o resultado dos trabalhos feitos pelas crianças, como se esta fosse um grande caderno onde se vão escrevendo as aventuras de cada dia. A criança era um elemento ativo na criação do seu espaço, o que tornava e fazia sentir a sala como verdadeiramente sua.

### **2.2.3. Caracterização do grupo de crianças**

O grupo de crianças caracterizava-se pela sua heterogeneidade em termos de faixa etária. Do ano letivo anterior mantinham-se vinte crianças, sendo integradas mais quatro crianças de três anos. Exibiam uma diversidade de interesses tendo em conta o seu estágio de desenvolvimento, o que se traduzia pela sua forma de planear e escolher os seus projetos. Sentiam interesse por atividades que envolvessem o jogo simbólico, jogos de construção; atividades de expressão dramática, motora, musical e oral; atividades de ciência; atividades que envolvessem a abordagem à escrita e matemática.

No que toca às áreas de conteúdo de maior interesse, verifiquei que a área de *conhecimento do mundo* e a área das *expressões* eram privilegiadas, pelo que daí partimos para o nosso projeto de intervenção. Realço que o grupo propunha frequentemente atividades que envolvessem o conhecimento pelo mundo que o rodeia.

Verificámos, juntamente com a cooperante, que o grupo revelava alguma dificuldade em aceitar o “não”, sobretudo na interação com o grupo de pares. Destacamos que a interação adulto-criança revelava um fator importante no que diz respeito a estas características. Considerando a diversidade de idades, destacamos este ponto como fator pertinente, na medida em que desencadeia estes comportamentos.

Era essencial a partilha de experiências, que possibilitava uma atitude de escuta individual de cada criança. Por parte da educadora, creio que seja um momento observacional das crianças e das suas partilhas, tendo em conta o respeito pelo outro.

O tempo em grande grupo era marcado pelo planeamento das atividades de presença, verificação do estado do tempo, dias da semana e atribuição do “chefe” de sala ou responsável do dia. Ao marcar as presenças e verificação do estado do tempo, o

responsável de sala pedia a uma criança mais nova para o acompanhar na tomada dessa decisão. Creio que era um momento de aprendizagem marcado pela estimulação dinâmica de aprendizagem conjunta.

Hohmann & Weikart (2011) evidenciam *“as relações entre colegas fornecem às crianças de idade pré-escolar o apoio emocional, companheiros de brincadeiras e oportunidades para liderar e ser liderado.”* (p.89). Tal como Hartup (1986) citado por Hohmann et al. (2011) *“as crianças estão motivadas para iniciar e manter relações sociais com outras crianças, (...)”*(p.123). Formosinho et al. (1996), ao citar Lourenço (1994), mostram que a partilha de ações de cooperação devem estar presentes ao longo da rotina. Acrescenta que *“(...)é necessário, criar situações, atividades, projetos que envolvam a partilha e a cooperação.”* (p.69).

Na minha opinião, o momento de planeamento era essencial, uma vez que cada criança decidia o seu projeto de dia em diálogo com o educador e tinha o seu momento de atenção. Eram criados grupos de partilha de interesses e preferências nas diferentes áreas, não esquecendo as áreas de conteúdo que se pretendiam trabalhar naquele período do dia. Era, sem dúvida, um momento propício a um leque de aprendizagens diversificadas.

Citando Formosinho et al. (1996) *“(...)escutar atentamente cada criança é uma ocasião, pensam de aprendizagem observacional, por parte das crianças ao verem o respeito devido a cada plano individual e à criança o que faz.”*(p.66).

É um espaço estimulante que responde às necessidades e interesses educacionais da criança colocando muitas oportunidades de socialização, tanto em pequenos como em grande grupos. São momentos que possibilitam a exploração, experimentação e interação das crianças.

Verifiquei que as interações adulto-criança que a educadora cooperante realizava correspondiam sobretudo ao modelo curricular High/Scope<sup>4</sup>, uma vez que, em certas situações da rotina, existia um encorajamento nas diversas atividades, bem como nas

---

<sup>4</sup> O modelo curricular High/Scope foi criado em 1970. Baseiam-se na aprendizagem pela ação. Segundo Hohmann (2011) *“viver aprendizagens directas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo.”*



estratégias de reforço-castigo, tendo aplicações pedagógicas baseadas nas teorias de Piaget.

Outro tópico relevante era a reflexão semanal que era realizada todas as sextas-feiras, bem como a reflexão mensal sobre o trabalho realizado. Estes momentos permitiam um maior conhecimento por parte do educador das suas práticas e avaliação das crianças. Por parte das crianças, o diálogo pressupõe que sejam ouvidas, observadas e envolvidas nas aprendizagens, não esquecendo a importância do desenvolvimento da linguagem, em que descrevem os acontecimentos vividos e falam sobre experiências pessoais significativas.

A participação ativa da família tinha também um papel relevante no interesse das crianças, mostrando-se empenhadas e participativas nas atividades propostas.

#### **2.2.4. Projetos educativos**

O projeto educativo da instituição “*Educar para a Vida*” focalizava a participação ativa das famílias na educação das crianças, facilitando a interação entre escola-família. Ao longo do ano letivo, a comunidade educativa proporciona a ida das famílias à instituição, bem como no apoio à elaboração de diferentes atividades planeadas pelas educadoras das salas de Creche e Pré-Escolar.

No que toca à sala de intervenção de estágio, verificámos que existia semanalmente uma criança que levava um livro à sua escolha da biblioteca da instituição para casa e que trazia após o fim de semana uma ficha de leitura realizada por ela e pela família. Esta atividade possibilitava a responsabilidade, participação e autonomia da criança, na medida em que desenvolvia as suas competências e progressos juntamente com a família.

Assumindo a criança um papel determinante no desenvolvimento das aprendizagens, observámos que as famílias participavam através de trabalhos propostos pela educadora cooperante. Por exemplo, para festejar o “*Dia da família*”, a instituição convidou as famílias para participarem em ateliês de atividades, bem como na realização da festa dos finalistas. Verificava-se um acompanhamento das famílias e um interesse em participar na vida educativa das crianças, havendo uma parceria entre a instituição educativa e as famílias.

Concluí que as relações de parceria com as famílias contribuíram para o desenvolvimento e construção das aprendizagens das crianças, fortalecendo os vínculos afetivos. Também as OCEPE (1997) acentuam o quanto são essenciais essas práticas ao longo da educação das crianças: *“incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.”*(p.16), *“complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação.”*(p.22), *“sendo a educação pré-escolar complementar da ação educativa da família, no sentido de encontrar, num determinado contexto social, as respostas mais adequadas para as crianças e famílias, cabendo aos pais participar na elaboração do projeto educativo do estabelecimento.”*(p.22).

### **2.2.5. Projeto de intervenção de estágio**

Ao longo das primeiras semanas de observação e intervenção pedagógica tivemos oportunidade de verificar quais as metodologias e as estratégias que a cooperante utilizava para dar respostas às necessidades e interesses do grupo de crianças. Verificámos que não existe um projeto pedagógico de sala, mas sim um plano anual de atividades, que vai ao encontro do projeto educativo da instituição. As atividades surgem das necessidades e curiosidades do grupo, não esquecendo a relação da escola-família, sendo um ponto importante para o desenvolvimento da criança.

Sousa (2013) citando Costa (1992) considera o plano anual de atividades um *“instrumento de planificação de actividades escolares para o período de um ano lectivo consistindo, basicamente, na decisão sobre os objectivos a alcançar e na previsão e organização das estratégias, meios e recursos para o implementar.”* (p.27).

A escolha da temática do projeto de intervenção foi refletida e orientada segundo as áreas de maior interesse, bem como das rotinas estabelecidas e orientadas, não esquecendo todas as áreas de conteúdo, podendo desenvolver aspetos de sensibilidade estética, imaginação e linguagem. Pretendemos, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, dar ênfase à área de conteúdo de *Conhecimento do Mundo*, dando particular destaque às ciências naturais e humanas, uma vez que, através de conversas informais com a cooperante sobre os interesses e curiosidades das crianças, verificámos juntamente com esta, que o grupo revela particular interesse pelas diferentes características da vida humana e animal.

Baseámo-nos na observação das diferentes áreas de sala, concluindo que não existe uma área da ciência. Assim, pretendemos envolver o grupo de crianças no conhecimento de diferentes saberes e curiosidades. O que se pretende não é somente que a criança saiba as coisas, mas sobretudo que as compreenda, que possa estar em sintonia e em empatia com o que a rodeia.

Intitulamos, deste modo, o presente projeto de “*Crescer, sabendo viver*”<sup>5</sup>, criando ou diria, aproveitando (dado que essa curiosidade está lá), no grupo a curiosidade sobre o mundo que o rodeia, formulando questões através da experimentação, visualização e manipulação. Pretendemos dar continuidade às temáticas que a cooperante pretendia abordar no decorrer do ano letivo, não esquecendo os dias especiais que são particularmente celebrados e trabalhados.

Citando Martins et al. (2009) , as crianças, *”no jardim de infância, devem vivenciar situações diversificadas que, por um lado, permitam alimentar a sua curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo que as rodeia e, por outro, proporcionar aprendizagens conceptuais, fomentando, simultaneamente, um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela ciência e pela atividade dos cientistas.”*(p.14).

Através deste projeto, pretendemos abordar e colocar em diálogo todas as áreas de conteúdo, ou seja, tornar a nossa prática educativa interdisciplinar e ao mesmo tempo transversal. Concluímos que é fundamental partir do desejo de saber e da curiosidade que envolve as crianças para proporcionar situações de interação, partilha e exploração, bem como partir das conceções alternativas que têm das “coisas” para que possam vivenciar novas experiências. Criar oportunidades facilitadoras de ensino-aprendizagem que envolvam o como e o porquê é o nosso principal objetivo, enquanto profissionais da educação.

## **2.2. 6. Avaliação do projeto**

Dando continuidade ao portfólio individual que a educadora cooperante desenvolveu pretendemos dar continuidade ao mesmo, sendo este dinamizado por nós ao longo da nossa intervenção. Este continha atividades individuais realizadas pelo grupo de crianças, bem como o registo mensal que era realizado.

---

<sup>5</sup> Ver Anexo 3 - Atividades desenvolvidas no projeto de intervenção.

Destacaria, sobretudo, as observações e participação do grupo de crianças nas atividades planejadas. Considero também relevante o ato de avaliar uma vez que, através da mesma, o educador pode tomar melhor conhecimento de si em situação. Citando Cardona, *et al.* (2010) “ *a forma como processa e trabalha a avaliação é uma estratégia fundamental para a evolução do seu trabalho e pode incentivar a reflexão também por parte das crianças sobre os respectivos comportamentos e atitudes e sobre as aprendizagens que vão realizando.*” (p.84).

### **3.Percursos de Desenvolvimento Profissional**

Em todas as intervenções o educador aprendiz transmite sempre um pouco de si através de ações e palavras. A minha postura, enquanto aprendiz da prática de educação de infância ficou marcada pelo que considero ter sido uma boa integração nas comunidades educativas, estabelecendo uma relação profissional e de cooperação. Em relação às educadoras cooperantes sinto ter conseguido uma relação de colaboração e entajuda tendo como centro o bem-estar e o sucesso educativo dos grupos de crianças.

No decorrer das minhas intervenções solicitei a opinião das cooperantes e estas auxiliaram-me de modo construtivo nas minhas propostas e também na sua aplicação. Creio que houve, tanto da minha parte como das cooperantes, uma relação profissional muito positiva. Colaborei na dinamização de atividades e beneficiei das suas sugestões para melhorar a minha prática.

Julgo ter estabelecido uma relação empática com os grupos de crianças, procurando ir ao encontro dos seus interesses, necessidades, fragilidades e dificuldades. Desenvolvi estratégias de observação, de diálogo e de respeito para com os grupos. Recordo Formosinho, *et al.* (1996) quando afirma que o contexto da sala de aula deve ser caracterizada pelo respeito pelos sentimentos das crianças, que favorece o seu crescimento social. Cabe ao educador intervir de modo a observar as interações das capacidades individuais das crianças para se envolverem de uma forma satisfatória e construtiva no trabalho e nas brincadeiras. (p.56).

Refere Marques (1986) que a sala de atividades deverá ser “(...)orientada para o alargamento das experiências das crianças, o desenvolvimento da curiosidade e da imaginação. Os objetivos não são fixados com precisão e o professor deve evitar um ambiente demasiado estruturado.” (p.43). Senti-me integrada nas salas de atividades, o

que possibilitou uma maior autonomia nas minhas intervenções. Senti no final dos estágios que as atividades planeadas foram concretizadas com sucesso, bem como a organização do grupo e a escolha de materiais. Observei, por parte dos grupos de crianças uma boa participação e envolvimento nas aprendizagens.

Ao refletir sobre a minha formação inicial em Educação de Infância, creio que os portfólios possibilitaram uma maior articulação da prática e complementaram atitudes de autoavaliação e desenvolvimento de práticas que irão contribuir para a minha autonomia enquanto futura profissional da educação. De acordo com Simão (2004) *“o portfolio do estagiário em Educação de Infância tem como função organizar o material bibliográfico recolhido e registar todo o processo de investigação, tal como as suas motivações, os seus pontos de vista e interesses relativamente à temática em questão. Este processo integra um conjunto de construções que servem de estímulo para uma avaliação reflexiva por meio da articulação e integração das diversas fases da formação.”* (p.13).

Focando-me na questão da ação-educativa, enquanto aprendiz, pretendo perceber, em primeiro lugar, o papel do educador, no sentido de encontrar respostas para o desenvolvimento das minhas futuras funções na educação de infância.

Marques (1986) afirma que o *“professor é facilitador sempre que assume como a pessoa ativa, envolvida com a situação e com as crianças, vivendo uma relação de ajuda aos alunos, conduzindo para o nível consciente as suas descobertas, ao clarificá-las e adotando uma atitude de desafio perante elas, ao propor-lhes sempre novos problemas.”* (p.43).

Segundo a DGIDC (2011) *“Planear e avaliar com as crianças constituem atividades educativas integradas no currículo da educação pré-escolar, que permitem ao educador de infância, por um lado, observar o progresso das aprendizagens das crianças e, por outro lado, adequar o processo educativo às necessidades da cada criança e do grupo.”*

Ao longo da minha prática interventiva, proporcionei ambientes desafiantes (organização do espaço, do tempo, e dos materiais) e novas experiências que promovessem o desenvolvimento e proporcionassem aprendizagens com significado para as crianças.

Na licenciatura fui criando ideias sobre a profissão de educadora de infância, o que contribuiu para o desenvolvimento de ideias que hoje em dia considero relevantes na minha reflexão pessoal. Considero que a profissão de educador passa pelo desenvolvimento de atributos sócio-afetivos e sentimentos face aos grupos de crianças.

Um educador deve participar ativamente na sua formação ao longo da vida, questionando-se e encontrando respostas para as suas intervenções. O educador é, a meu ver, um facilitador do conhecimento do mundo e da transmissão de valores, despertando a curiosidade e o espírito crítico no íntimo da criança.

Considero que as competências de rotina são as competências que domino melhor. Desde a primeira semana que me consegui adaptar ao contexto e às orientações que promovem a continuidade dos cuidados bem como a dinâmica da educadora no domínio das relações que se estabelecem com as crianças.

Segundo Weikart & Hohmann (2011) considera a empatia como sendo “(...) a capacidade que permite às crianças compreender os sentimentos das outras pessoas, ao relacioná-los com sentimentos que elas próprias já experimentaram.”(p.145).

Procurei desde o primeiro dia criar empatia com o grupo de crianças e compreender as rotinas de forma a construir conhecimentos sobre o modo como a equipa educativa é, como age e como responde a determinadas ações.

Criei de imediato, através da rotina, uma maior sensibilização para o ato de refletir sobre o modo de aprender das crianças de creche.

Reconheci o quanto é importante o reconhecimento de cada momento na vida da criança, em que é essencial dar oportunidade de responder de acordo com o ritmo individual, interesses e experiências.

Centrei-me sobretudo nesta questão. Considero uma competência essencial para interpretar as ações à luz da familiarização das interações com as crianças para poder planificar mais tarde de modo a apoiar as aprendizagens.

Procurei em todos os momentos, quer nas atividades dirigidas pela educadora cooperante, quer nas desenvolvidas por mim e pela minha colega, envolver-me naquilo que a criança faz e necessita, intervindo com intencionalidade educativa, de forma a desenvolver competências de conforto, curiosidade, mobilidade, autonomia, entre outras, que persistem ao longo do dia.

De início, a tarefa em que tive maior dificuldade foi planificar, uma vez que, para mim, planificar para crianças de creche torna-se difícil, mas, ao longo da primeira planificação, consegui estruturá-la de modo a interligá-la na rotina diária do grupo, não esquecendo as estratégias que podem ser adotadas ao longo do dia para se estabelecer um clima harmonioso de desenvolvimento.

As observações realizadas foram analisadas de modo a apoiar cada criança individualmente, interpretá-las, em termos do desenvolvimento, e planificar estratégias de apoio, indo ao encontro de um seguimento geral ao longo do projeto de intervenção.

As atividades que desenvolvi foram refletidas, ou seja, primeiro pensei nos objetivos que pretendia desenvolver e depois adequava as atividades aos mesmos. A gestão do tempo é, também, uma questão que considerei, pois pretendi sobretudo que as atividades envolvessem as crianças nas mesmas e que proporcionassem o contato com novos estímulos sensoriais.

Considero que as situações pedagógico-didáticas foram desenvolvidas com o fim de permitir às crianças a descoberta do seu corpo e das suas capacidades e foram aplicadas e executadas pelo grupo com forte agrado. De todas, as atividades as que merecem maior destaque são: exploração da caixa sensorial; exploração dos balões e sacos multissensoriais exploração do esparguete; exploração com espuma de barbear no espelho; bolachas de manteiga e pintura com berlindes<sup>6</sup>.

Realço a escolha dos materiais, que proporcionou às crianças uma maior oportunidade de exploração, mostrando desse modo as suas emoções, sentimentos e a forma como interpretaram uma nova realidade. Ao fomentar a exploração dos materiais, procurei promover a autonomia, o bem-estar e as interações de grupo, que evidenciaram grande envolvimento na experimentação e execução.

Pretendi sobretudo estruturá-las de modo a despertar a sensibilidade do corpo, do movimento e a curiosidade. Considero que me senti à vontade porque, de facto, as crianças envolveram-se nas diferentes atividades, adquirindo experiências acerca do mundo que as rodeia.

Nestas atividades pude, também, observar grande interesse por parte das crianças, o que facilitou a minha intervenção. Destaco que este leque de atividades proporcionou

---

<sup>6</sup> Ver Anexo 1: Atividades desenvolvidas no projeto de intervenção.

curiosidade e interesse para as crianças, pois verifiquei que todas se envolveram em ambas as atividades, “querendo sempre fazer mais”.

Considero que todas as minhas intervenções foram muito significativas no que diz respeito às aprendizagens das crianças. Embora nem sempre os objetivos sejam alcançados na totalidade, procurei desenvolver com elas capacidades e conhecimentos que sejam importantes para cada momento de aprendizagem. Por exemplo, à hora do almoço incentivava as crianças a segurarem na colher e levarem-na à boca sozinhas.

A situação em que senti mais à vontade foi no criar ofertas de atividades e materiais que fossem ao encontro do envolvimento das crianças face à exploração e manuseamento de materiais, construindo pontos fortes de aprendizagem em torno de uma estimulação que envolva a criança num estado emocional e bem-estar elevado.

Em observação verifiquei que é importante a criança estar envolvida na atividade e seguramente sentir bem-estar emocional para a realização da mesma, tendo o educador um papel fundamental na transmissão desse objetivo.

#### **4. Percurso Investigativo**

Na primeira parte do presente relatório apresentei aspetos que caracterizaram a minha intervenção enquanto aprendiz da ação educativa em educação de infância.

Analisei questões relevantes que serviram de inspiração para a realização do meu estudo. Assim, centralizo-me na entrada da criança pela primeira vez na Creche.

A meu ver, o trabalho com crianças pequenas requer cuidados especiais e a equipa educativa deve estar envolvida de modo a apoiar a criança e os pais nos momentos de adaptação à nova etapa de vida.

Deste modo, os estudos nesta área são fundamentais, principalmente dentro do novo contexto social em que vivemos. A mãe do século XXI, precisa de retornar ao trabalho após poucos meses do nascimento do bebé o que implica a integração do seu bebé numa Creche.

Tendo em conta que nas primeiras idades dão-se os primeiros vínculos, o apego às figuras parentais e as primeiras experiências de socialização, que sendo essenciais para o desenvolvimento da criança podem criar inquietações psíquicas.



A entrada de bebês na Creche, especialmente durante o primeiro ano de vida é um tema que tem gerado controvérsias nos estudos, pois implica separações diárias do bebê com a mãe. Proponho-me a analisar, em particular, a problemática da separação precoce e as consequências para o desenvolvimento infantil do ingresso na Creche durante o primeiro ano de vida.

A entrada na Creche é um momento muito importante, pois ocorre a transição do seu primeiro lugar de equilíbrio, a família, para um outro lugar de vida. O principal objetivo deste estudo centra-se em compreender algumas das dificuldades deste processo de transição/separação e como pode ser organizado por forma, a constituir um momento que dê uma continuidade psíquica e bem-estar à criança pequena.

Piccinini & Rapoport (2001) citam Bowlby (1973/1993) “(...) *A criança mostra maior perturbação, ao separar-se da mãe, quando ela fica num ambiente estranho ou quando é cuidada por uma pessoa desconhecida, do que quando é deixada com uma pessoa familiar e/ou em um ambiente conhecido. A proximidade da mãe ou da figura de apego diminui o medo a estranhos ou a estímulos novos e facilita a exploração de um ambiente desconhecido.*” (p.83).

Este questionamento, permite-me compreender, como futura educadora de infância, quais os comportamentos/attitudes e as estratégias que o educador deve desenvolver para responder às necessidades da criança e da família neste momento de separação.

De qualquer modo, a adaptação à Creche depende de diversos fatores, o que não permite fazer previsões com base em um ou outro fator isoladamente.

Pretendo pesquisar através das equipas de educadoras de infância e famílias/pais o modo como entendem as especificidades da entrada da criança na Creche.

Focando-me no modo como é feito o atendimento pedagógico, se as equipas educativas encontram-se sensibilizadas para a questão, quais os indicadores que envolvem o bebê em relação ao ambiente desconhecido, que por sua vez requerem adaptação.

Considero que tal pesquisa irá proporcionar um novo olhar sobre os cuidados necessários para adaptar um bebê às novas mudanças, bem como tranquilizar os pais e sobretudo, manter a qualidade das interações entre pais-bebês.

## Parte II – Componente Investigativa

### Contextualização

A Creche é um ambiente especialmente vocacionado para acolher as crianças nos primeiros três anos de vida. Este espaço, especificamente pensado para os mais pequenos, deve oferecer segundo Rizzo (2006) *“condições ótimas que propiciem e estimulem o desenvolvimento integral e harmonioso da criança e tem como finalidade responder pelos cuidados integrais da criança na ausência da família”* (p. 49).

Primeira separação do ambiente familiar e das figuras de vinculação, a entrada da criança na Creche é um momento delicado no desenvolvimento. A questão sobre a qual procuro refletir neste trabalho centra-se na forma como é preparada, realizada e vivenciada a entrada da criança na Creche. Pretendo compreender de que forma os educadores, figuras centrais no processo de adaptação da criança a este novo lugar de vida, vivenciam essa transição e como lhe respondem e igualmente de que forma os pais vivem este momento, quais as suas expectativas, inquietações e necessidades e o que pensam da forma como se processa ou processou a entrada dos seus filhos na Creche.

Início o meu trabalho com a pesquisa bibliográfica que me permite a fundamentação teórica, o enquadramento e a contextualização da problemática em estudo. Centro-me no desenvolvimento da criança nas primeiras idades, suas necessidades afetivas e emocionais, o papel das figuras de vinculação na organização do seu equilíbrio biopsicossocial e os desafios que os momentos de separação e em particular a entrada na Creche colocam à criança e à família, assim como o papel que a Creche e o educador assumem no crescimento e desenvolvimento harmonioso da criança. O texto integra os conhecimentos empíricos que emergiram da prática ao longo dos estágios que procurei colocar em diálogo com as leituras e pesquisas teóricas realizadas. Apresento de seguida os aspetos metodológicos, caracterizando o tipo de estudo, os sujeitos estudados, os instrumentos utilizados para a recolha dos dados e os respetivos procedimentos. Exponho os resultados obtidos após o tratamento dos dados recolhidos nas entrevistas às educadoras e nos inquéritos por questionário aos pais, articulando nas conclusões os dados obtidos com as leituras realizadas e as questões que delas emergiram. Nas considerações finais reflito sobre o estudo realizado, sua pertinência, limites e aspetos que considero relevantes para a compreensão da problemática em estudo.

## Fundamentação Teórica

### 1.1. Breve passeio pelo desenvolvimento da criança pequena

*“As primeiras relações do bebê com as pessoas à sua volta apoiam-se nas competências sensoriais e sensoriomotoras à sua disposição desde o nascimento.”*

Tourrette & Guidetti (2009, p. 89).

O desenvolvimento humano é um processo complexo, dinâmico e integrado, em que os fatores orgânicos, afetivos e relacionais interagem em permanência e constroem novas possibilidades. Como refere Ajuriaguerra, citado por Sá (2010) *“o cérebro faz-se fazendo-se, ou seja, a experiência à qual é submetido o cérebro fetal e, depois, o da criança pequena contribui para o estabelecimento dos seus circuitos.”* (p.9) Neste percurso de desenvolvimento sabemos que a criança é, desde o nascimento, um ser social que constrói progressivamente a sua identidade através das suas relações com os outros (Tourrette & Guidetti (2009, p. 17).

Continuidades e discontinuidades fazem parte da vida e, desde logo, da vida da criança pequena. Leach (1983) refere que todos os bebés recém-nascidos têm um certo número de características comuns, mas que cada um deles é também um indivíduo único que já passou por experiências dentro do útero, durante o nascimento e imediatamente depois dele. Ambas desempenham um papel muito importante e influenciam a forma como o recém-nascido se adapta e se estabiliza na vida extra-uterina e também a forma como vai reagir às pessoas e ao meio envolvente.

Quando o bebé nasce precisa de ser acolhido e manuseado de modo a que a sua vida independente pareça tão pouco diferente quanto possível daquela outra, totalmente dependente, que tinha quando ainda dentro do útero. Esta continuidade, assegurada pelo meio-ambiente e pelas respostas que fornece, permite uma primeira integração somático-psíquica harmoniosa e assegura que as funções emergentes se expandam.

Segundo, Gesel (1979) o porta-voz mais ativo é nesta época o choro, através do qual o bebê sinaliza o seu desconforto. A resposta imediata e sintonizada ao choro, nas primeiras semanas, é essencial e reconfortante para o bebê, colocando bem-estar e equilíbrio no seu corpo.

Por volta três meses, os tempos de atividade motora são mais longos e o bebê preenche-os por exemplo a rodar a cabeça para um e outro lado ou a virar-se para um dos lados. Já é capaz de agarrar objetos e aprecia particularmente um brinquedo que possa ser baloiçado. Também gosta de juntar as mãos, pode chuchar no polegar dos dedos e exibe exercícios vocais. Estão já mais desenvolvidos os seus recursos de autorregulação e também dilatado o tempo em que pode esperar a resposta às suas necessidades sem que o seu equilíbrio psicossomático entre em colapso. Há igualmente uma exigência cada vez maior de convívio social e uma maior capacidade para esperar.

Nos primeiros três meses, prevalece o processo maturativo. O desenvolvimento do primeiro organizador da psique, através dos padrões de ação do bebê em resposta ao comportamento da mãe. Assim, a influência ambiental exercida pelas relações contínuas, são essenciais, para a sobrevivência do bebê.

Spitz (1965)<sup>7</sup> refere que quando uma pessoa se coloca diretamente em frente ao bebê, ele responderá imitando um sorriso. Esta resposta assume um indicador de mudança que é uma configuração específica dos (dois olhos, nariz e testa em movimento). A organização de resposta acontece porque o consciente separou-se do inconsciente, já que o reconhecimento, expresso no ato de sorrir, é claramente um sinal de consciência que dirige intencionalmente os atos.

Aos quatro meses a criança consegue sentar-se devidamente apoiada, tem controlo completo sobre a cabeça e usa-a para explorar o mundo à sua volta, olhando para ambos os lados, rebola e volta-se. O controlo das mãos é mais definido, sendo capaz de segurar num brinquedo. Por volta dos cinco e seis meses, o olhar do bebê torna-se mais adaptado aos estímulos, tornando-se cada vez mais expressivo, controla os seus movimentos e usa-os para explorar e satisfazer a curiosidade pelo mundo, que se revela mais predominante nesta fase.

---

<sup>7</sup> Os estudos de Spitz (1954-1996) colocaram em evidência a grande importância da relação mãe-bebê.

De acordo com o estágio da inteligência sensório-motora de Piaget (1968), dos quatro aos oito meses, aparece a intencionalidade, que se manifesta nas condutas de apreensão. Sucedem-se novas descobertas da criança, proporcionando novas relações entre os objetos e os meios para alcançá-los (meios e fins)

Segundo Spitz (1965) por volta dos oito meses, a criança exige consolo da mãe manifestando choro diante de pessoas desconhecidas. Esta reação indica que já se constituiu uma diferenciação entre a mãe e as outras pessoas. As reações anteriores eram de sorrisos e muitas vezes, de prazer em observar outras pessoas. Aos oito meses a aproximação de pessoas que não são conhecidas pode desencadear desagrado.

A resposta de ansiedade ou angústia dos oito meses é apontada por Spitz (1965) como *“o indicador de que foi estabelecido o objeto libidinal propriamente dito. Começa a época na qual o objeto de amor e as relações com ele assumem a maior importância. Um objeto de amor não pode existir antes que ele possa ser diferenciado de outros com segurança.”* (p.28).

O que o autor explica ser a angústia de separação centra-se na capacidade da criança de estabelecer uma verdadeira relação objetal. Por sua vez, a ansiedade manifestada pela criança está ligada ao medo de perda da mãe, como evidência: *“quando confrontada com um estranho, sua reação é o fato de que não se trata de sua mãe; sua mãe a deixou e continua que quando as manifestações da ansiedade dos oito meses são brandas, a presença da mãe bastará para apaga-las, ao passo que, na ausência da mãe, elas se mostrarão nitidamente”*. (p.115).

No campo das relações sociais, ocorrem manifestações complexas. O bebê começa a ter compreensão das relações entre as coisas, de forma que descobre que pode utilizar algo como instrumento para alcançar outro.

Por volta, dos dez, doze meses a criança começa a dominar movimentos finos como a pinça com os dedos e o polegar. Com dez meses, a criança gatinha e desloca-se pelo espaço. Aos doze meses caminha, agarrada, ou de forma independente e consegue escolher, segurar e dar objetos. Aos catorze /dezasseis meses a criança dá os primeiros passos e anda por curtas distâncias e a marcha faz parte da sua vida, permitindo-lhe criar

proximidade e distância. A exploração do mundo ganha uma nova perspectiva e a criança consegue aceder aos objetos que lhe despertam maior interesse. Com vinte e quatro meses, a criança consegue controlar os pés e as mãos, fazendo recurso a estes nos diferentes movimentos. Nesta fase a criança vai-se sentindo mais segura, mais independente e autónoma nas suas ações.

## 1.2. Da construção dos vínculos

*“(...) o potencial herdado de uma criança não pode tornar-se uma criança a não ser sob os cuidados de uma mãe”*

Winnicott (2000, p. 41)

No decorrer dos primeiros meses de vida, a perceção afetiva predomina na experiência do bebé e a atitude emocional das primeiras pessoas que o rodeiam e dele cuidam, muito em particular da figura materna, servirão para orientar os seus afetos. Como refere, Golse (2006) “ O que torna as experiências importantes para o bebé é o fato de que elas são interligadas, enriquecidas e caracterizadas pelo afeto materno e a criança responde afetivamente a esse afeto.” (p.99).

Na perspetiva de Bowlby (1960) o apego é um sistema de regulação da proximidade. Este sistema possibilita a proximidade com outro indivíduo, através de comportamentos designados como comportamentos de vinculação. Estes comportamentos que contribuem para o apego são o sorriso, a sucção, o agarrar as manifestações vocais e a fixação do olhar. Na maior parte das vezes a mãe é a figura principal de apego. Bowlby refere como uma criança pode procurar a sua figura de apego quando se sente cansada, doente, alarmada ou ansiosa e também quando está insegura a respeito do paradeiro dessa mesma figura. Quando a figura de apego é encontrada pela criança, esta demonstra necessidade de se manter na proximidade dela e também de receber seu conforto, como ser pegada ao colo ou abraçada.

Também segundo Spitz (1983) a mãe participa ativamente no aparecimento e no desenvolvimento da consciência do bebé, criando o que os teóricos designam por “clima emocional favorável”. O amor pelo bebé e os cuidados que a mãe lhe oferece

fornecem-lhe a base de uma vida repleta de experiências vitais. Como refere Gonçalves (2002)<sup>8</sup> *”um bebé até aos doze meses é um ser extremamente dependente da mãe que lhe proporciona um contato físico próximo, respostas que tendem a reduzir o desconforto e a manter estados de calma e bem-estar e experiências que favorecem aprendizagens relacionadas com os limites do corpo e com o reconhecimento do outro.”* (p.126).

Na primeira infância os afetos são pois extramente importantes, mais do que em qualquer outro período posterior da vida sendo as aprendizagens na primeira relação de vinculação estabelecida transferidas depois para outras figuras, segundo os processos de continuidade. Vários autores concluem que a vinculação é um processo gradual de envolvimento afetivo, mais precisamente do bebé com a mãe ou quem lhe dispensa os cuidados maternos, processo em que interferem dimensões de ordem biológica, e psicológica. É através do contato sensorial, ou seja, através do som, da voz, do cheiro, da textura da pele, que se cria um mundo de sensorialidade que potencia o desenvolvimento da vinculação desde que a criança nasce (Rufo, 2007). Assim que o bebé nasce está já equipado, como refere Bowlby (1990) *” com um número de sistemas comportamentais, que fornecem as bases para o desenvolvimento ulterior do comportamento de apego ou vinculação.”* (p. 193).

Klaus & Kennell (1976) introduziram entretanto o termo *bonding* para definir um vínculo único, específico, que se estabelece desde os primeiros contactos entre a mãe e o recém-nascido. Este vínculo constrói-se progressivamente durante a gravidez, quando a mãe elabora uma representação do bebé (bebé imaginário) que facilita o envolvimento afetivo e a interação adequada com a criança a seguir ao parto (Stern ,1995). Devido ao sistema hormonal, no parto e na amamentação, a mãe torna-se mais sensível e recetiva ao seu bebé e conseqüentemente o *bonding* é facilitado. Todo o contacto imediato ou separação com o recém-nascido mostra ser relevante para o vínculo. Quanto mais envolvida está a mãe no parto e nos momentos de amamentação, nomeadamente através do contacto corpo a corpo com o recém-nascido, mais se

---

<sup>8</sup> Pedopsiquiatra – Diretora do Departamento Pedopsiquiatra do Hospital D. Estefânia. Projeto de Prevenção em Saúde Mental Infantil. Transições – da 1ª. Infância à Adolescência.

potencia um envolvimento emocional entre ambos, resultando estes momentos num ambiente seguro de apego.

O contacto corporal (toque) entre a mãe e o bebé assume aqui um papel enriquecedor para uma boa relação entre ambos (Golse, 2006) tal como foi validado pelos trabalhos de Harlow sobre a variável conforto-contacto. No laboratório, Harlow separou sessenta macacos bebés das mães, entre seis a doze horas após o nascimento. Desde o primeiro momento reparou que os macacos bebés tinham necessidade em estar junto de mantas ou cobertores. Aqueles que não as tinham, não sobrevivam mais do que uma semana. Observou ainda, numa experiência que designou de “duplo modelo”, que os macacos que se alimentavam na mãe de arame criavam vínculos afetivos com a mãe de pano. Concluiu destas investigações que existe uma necessidade inata de afeto, carinho e de uma base afetiva estável, muito mais do que apenas necessidades de alimentação. Como refere Harlow (1958) *“uma função da verdadeira mãe, quer seja humana ou não humana, e presumivelmente do modelo maternal, é providenciar um clima de segurança à criança, nos momentos de perigo e de medo. (...)”* (p.88). Ainda segundo Harlow (1958) os recém-nascidos estabelecem ligações afetivas com qualquer cuidador compatível que seja sensível e recetivo às interações sociais realizadas. A mãe biológica é, normalmente, a principal figura de apego, mas o papel pode ser tomado por qualquer um que se comporte compativelmente de uma maneira "maternal" durante este período. Alguns recém-nascidos direcionam o comportamento de apego (busca por proximidade) para mais de uma figura e começam a fazer discriminação entre os cuidadores.

Quando o bebé nasce a primeira linguagem que entende é o toque, sendo através do contacto que a ansiedade do bebé diminui. A primeira linguagem vocal de um bebé é naturalmente o choro. Quanto maior for o contacto físico entre a mãe e o bebé menor será a probabilidade do bebé chorar, transmitindo ao bebé um sentimento de segurança. Também a boca *“assume uma função essencial na elaboração da relação com outrem e no jogo relacional (...) pois, para além de ser muito importante para todo o estabelecimento da relação entre a mãe e o bebé, confere ao bebé uma sensação de prazer e satisfação das necessidades vitais do seu organismo.”* (Golse, 2006).



Para Bowlby a figura de vinculação é a pessoa na qual a criança confia e tem como objetivo promover uma base segura que proporcione à criança um desenvolvimento saudável. Bowlby (1973) descreveu os fatores que estão na origem da segurança e do apego e os “modelos operativos internos” que são diretamente relacionados com o grau de disponibilidade das suas figuras de apego. A resposta dada pelo cuidador na interação precoce com o bebé constitui-se como determinante para uma vinculação segura e esta resposta sensível e atempada reflete-se no grau de segurança da vinculação afetiva e no desenvolvimento harmonioso da criança.

Estas interações são particularmente importantes nos primeiros doze meses de vida, momento decisivo na construção dos laços afetivos.

Os teóricos da vinculação destacam que a vinculação não é inata, o que é inato é o potencial para a desenvolver. Ao interagir com o seu filho (a) os pais vão reforçar o seu comportamento, transmitindo-lhe confiança e segurança e a partir dela a poderem abrir-se a novas relações e ao mundo.

### **1.3. Da separação**

Os estudos dos teóricos da Vinculação concluíram, como vimos, que a criança se dirige de forma preferencial a figuras discriminadas em busca de sustento, de conforto, de apoio e de proteção, ao mesmo tempo que surge a angústia perante o estranho e o protesto em caso de separação, dois indícios da existência de uma relação de vinculação.

Ao longo dos primeiros anos, a mãe e a criança são entretanto confrontadas com situações de encontro mas também de separação. A forma como estes momentos são vividos e elaborados parecem decisivos para o bem-estar emocional do bebé e da criança pequena.

Um dos momentos de separação quando da entrada da criança na Creche. Esta separação, quando devidamente preparada e disposta a criança de uma figura de apego como base de segurança, potencia o desenvolvimento e aquisição de novas capacidades, permitindo a exploração do mundo.

Segundo Winnicott (1975)<sup>9</sup>, sensivelmente no final do primeiro ano de vida a criança organiza um espaço transicional, passagem do estado de fusão com a mãe ao estado de relação com mãe percebida como separada do bebé. Este espaço potencial entre o bebé e a sua mãe constrói-se a partir das experiências vividas entre ambos e principalmente da forma como ocorreu essa relação. Este espaço é um espaço de criatividade que o bebé povoa de objetos que lhe conferem segurança na ausência da mãe (objetos transicionais, bem conhecidos dos educadores na Creche) e, ao mesmo tempo lhe permitem um espaço de autonomia e de experiência lúdica e criativa. Por exemplo, um ursinho de peluche ou um paninho, tem um papel na elaboração dos sentimentos de perda, quando o bebé tem de se separar da mãe.

Se, como defende Winnicott (1958) a independência do bebé não é absoluta, as separações por curtos períodos podem, a partir de um certo desenvolvimento emocional da criança, ajudá-la a estruturar e a compreender a separação, estando também a contribuir positivamente para a sua adaptação.

Weikart & Hohmann (2011) reconhecem também que é indispensável reconhecer os sentimentos das crianças e dos pais acerca da separação e do reencontro. A separação e o reencontro podem ser difíceis tanto para as crianças como para os pais. Dada a potencial ansiedade familiar no início e no final do dia, é importante que os educadores abordem de forma calma e otimista estes momentos.

#### **1.4. Da interação com outras crianças, do medo do desconhecido e da segurança interiorizada**

*“(...) o comportamento delicado, cooperante e social exige um esforço tremendo à grande maioria das crianças pequenas (...)”*

Leach (1983 p.394).

Para o bebé ou para a criança pequena o “outro” não se manifesta sempre de forma tranquila. O “outro” pode tornar-se objeto de angústia pela ameaça que representa

---

<sup>9</sup> Retirado de Guidetti & Tourrette (2009) *Introdução à Psicologia do Desenvolvimento. Do Nascimento à Adolescência*. Editora Vozes: Brasil.

ou que se lhe atribui. O medo do “outro” encontra-se presente em muitos momentos da vida, mas no bebé o medo do desconhecido manifesta-se por uma angústia de separação que vai da aflição ao pânico e pode dar lugar a um reforço do apego ao objeto de afeição, mãe-pai, ou substituto (Run, 2003).

Nos primeiros três meses, o recém-nascido não manifesta interesse por outros bebés. Por volta dos três e seis meses já é possível observar gestos que manifestam o interesse em contactar com o “outro”. Após os seis meses, os comportamentos são muito mais visíveis e a presença de um brinquedo pode potenciar essa interação. Com dois anos, a criança toma iniciativa de contacto e as interações são muito mais prolongadas. Aos três anos, a imitação é frequente nas interações (Tourrette & Guidetti, 2009).

Freud, citado por Tourrette & Guidetti (2009) refere que, para sobreviver, o bebé não pode passar muito tempo sem o seu ambiente afetivo. Spitz (1965) defende igualmente que o medo do outro corresponde a um momento comum do desenvolvimento psíquico-afetivo: o medo do desconhecido, que este autor situa no oitavo mês, distingue-se do comportamento ligado ao medo, porque a criança responde a qualquer coisa ou a alguém que nunca antes esteve ligado a uma experiência desagradável. O medo do desconhecido (ou angústia do oitavo mês) seria assim, fundamentalmente uma resposta à separação da mãe, objeto de amor, que já se encontra nesta idade constituído como tal. A angústia de separação é, para Freud, o protótipo de todas as angústias.

Também Bowlby (1960) descreve no bebé, desde o sexto mês, medos do desconhecido, de situações novas, por exemplo quando os adultos agem de modo diferente da pessoa cuidadora. A figura de vinculação representa a base de segurança para a exploração do mundo físico e social da criança. *“As experiências repetitivas do bebé levam-no a construir modelos internos relativamente às figuras de vinculação e em relação a si próprio com incidência ao longo da vida.”* (p.16).

O fato da criança ter uma vinculação e afeição segura possibilita-lhe entretanto uma maior proteção, conseguindo, na ausência da mãe, encontrar no seu interior um consolo - objeto interiorizado - que contribui para a exploração criativa do mundo.

Nestes primeiros tempos, caracterizados por Winnicott (1969)<sup>10</sup> como o “tempo da dependência absoluta” é necessário que as repostas sejam o mais próximas possível das necessidades e do tempo do bebé, por forma a assegurar a satisfação imediata das suas necessidades.

Winnicott (1969) nos estudos sobre a relação mãe-bebé afirma que na vida de um bebé a mãe assume um papel determinante na formação emocional, destacando que a figura da maternal tem a função de acolher os medos, as ansiedades, as angústias, transformando-as em afeto. As funções asseguradas pela mãe (holding) auxiliam o bebé e fornecem um sentimento de confiança nas interações com o outro e com o meio, segurança que o bebé transporta para a relação com o desconhecido.

### **1.5. A adaptação à Creche**

*“Os modos de acolhimento são locais de acompanhamento, instrumentos eficazes de uma prevenção psíquica de prevenção e humanizante.”*

Giampino (2006, p.49).

É unânime nos diversos estudos sobre desenvolvimento e contextos educativos a ideia de que a Creche merece uma consideração muito especial nos primeiros anos de vida e que é essencial pensá-la à medida das necessidades de desenvolvimento da criança pequena e organizar estratégias de integração neste período inicial, designado como período de adaptação.

Não existe consenso quanto à definição do termo adaptação nem quanto à caracterização deste período. Para alguns autores a adaptação teria início nos contatos iniciais com a Creche, pois as primeiras impressões influenciariam a forma como as crianças se relacionam com o novo ambiente. Piccinini & Rapoport (2001) defendem que cada contexto de cuidados apresenta particularidades e valores e que se torna necessário avaliar se as características individuais das crianças são compatíveis com os contextos. Também Davies & Brember (1991) destacam que o contato com o ambiente

---

<sup>10</sup> Winnicott na sua prática, como psicanalista e pediatra conduziu os seus estudos na compreensão do desenvolvimento emocional do ser humano e nos cuidados maternos como base da segurança afetiva.

desconhecido, a vivência de novas rotinas, as pessoas não familiares, as separações diárias e a ausência das figuras de vinculação colocam as crianças diante de um significativo esforço social e emocional. Como refere Gonçalves (2002) *“um bebê que é posto na Creche durante o primeiro ano de vida tem de fazer face diariamente à descontinuidade, numa altura da vida em que ainda não internalizou nem a representação de si próprio nem a representação do objeto materno. O sentimento de continuidade da experiência depende em grande parte das respostas do meio.”* (p.128).

Piccinini & Rapoport (2001) mostram que tanto as mães como as educadoras descrevem as primeiras semanas como altamente stressantes, especialmente para bebês e crianças pequenas. A adaptação poderá ser difícil para a criança, mas também para a família. Dada a interdependência destes sistemas, a forma como este processo é vivenciado pelos familiares influencia e é influenciada pelas reações da criança. Pensar a Creche à medida das necessidades de desenvolvimento da criança pequena é assim, também, pensá-la à medida das necessidades do núcleo familiar e organizar estratégias de acolhimento e integração da família.

Alguns autores preconizam, por exemplo, a importância de que no período de adaptação a mãe/pai ou outro familiar fiquem junto da criança para a auxiliar na exploração do novo ambiente e no estabelecimento de novos relacionamentos com as educadoras e com as outras crianças. São muitos os autores que lamentam concluir através das suas pesquisas<sup>11</sup> que tais práticas não estejam presentes em todas as Creches.

As pesquisas mostram que as crianças manifestam diferentes reações durante o período de adaptação e que estas manifestações são frequentemente utilizadas para as classificar como bem ou mal adaptadas. Como assinalam Klein & Ballantine (1988), *“as crianças cujo temperamento está de acordo com as demandas culturais e características do grupo de cuidados tendem a ser julgadas como melhores adaptadas.”* (p.85).

---

<sup>11</sup> O levantamento feito com educadoras de Creches de Porto Alegre mostrou que apenas um terço das educadoras falaram sobre a importância dos pais ou outro parente permanecer junto à criança no período de adaptação.

É comum no período de adaptação a observação de que a criança chora, tanto na chegada, quando a criança é deixada na Creche pelos pais, como na saída ou quando os pais retornam para buscá-la. Mas o choro não é a única reação possível por parte da criança, os gritos, o mau humor, o bater, deitar-se no chão, a passividade, a apatia, a resistência à alimentação, o sono ou a dificuldade em adormecer e outros comportamentos são indicadores frequentes de sofrimento e de dificuldades na adaptação. Silva (2011) citando Portugal (1998) refere que a partir do momento em que um bebê é confiado a alguém que não os pais, as suas interações se tornam mais limitadas, pois o bebê perde os seus pontos de referência, o que resulta em desorganização e angústia. Durante os primeiros dias de Creche os bebês exibem um período de protesto, chorando e agarrando-se aos pais, mas estes sinais acabam por desaparecer ao longo dos dois primeiros meses de permanência. O autor refere que é essencial dar valor às manifestações do bebê no momento das rotinas e acompanhar cada processo de adaptação através da comunicação com a mãe, tornando-se assim a criança mais apta a explorar os espaços e os objetos.

Cada bebê e criança pequena apresenta pois uma reação específica em relação às diversas situações potencialmente delicadas que encontra durante a sua adaptação à Creche. Diferentes estudos apontam para diferenças nas reações da criança à separação materna. As reações podem estar associadas a inúmeros fatores, como diferenças individuais do bebê ou criança pequena, a qualidade da relação que mantem com os pais, assim como às condições e ao tipo de cuidados que a criança recebe na creche bem como à duração da separação. É importante que o educador compreenda e responda a esta comunicação da criança e da família através da sua atitude e da organização do ambiente da Creche.

Desde o nascimento que os bebês são confrontados com inúmeras situações potencialmente ameaçadoras e desafiadoras do seu equilíbrio somático e psicológico, que requerem adaptação. Compas (1987) refere que os bebês precisam adquirir formas de enfrentar o sofrimento e a angústia produzidos pela exposição a estas situações. Para os bebês que vão à Creche as separações e despedidas diárias constituem muitas vezes as primeiras experiências de separação prolongada da sua figura cuidadora, sendo

necessário mobilizarem estratégias para se adaptarem à nova situação. Para lidar com os momentos e situações potencialmente ameaçadoras ao nível emocional, os bebés ou crianças pequenas utilizam estratégias de enfrentamento, que podem ser mais ou menos efetivas. Em função da idade do bebé e das suas características únicas é necessário que se procure reduzi-las ao máximo ou, pelo menos, tentar torná-las menos constrangedoras.

A adaptação à Creche é um processo gradual em que cada criança precisa de um período de tempo diferente para se adaptar, sendo importante respeitar o ritmo individual e não impor um período pré-determinado para a adaptação. Coutinho (2010) citando Alava & Palacios (2000) refere a inevitabilidade de que as crianças passem por uma adaptação de duração variável, a qual se completa no momento em que readquirem confiança em si mesmas, e nos sentimentos de afeição que os pais lhes dedicam.

Vários autores enumeram sugestões para uma melhor adaptação que podem ser aplicadas e introduzidas pela Creche, como por exemplo: aumento gradual no número de horas que o bebé fica na Creche ao longo da primeira e segunda semana; a cada dia da semana começar a adaptação de apenas uma ou duas crianças, evitando que todas cheguem no primeiro dia; permitir a presença de um familiar na própria sala durante a adaptação e, depois, na sala de espera da Creche; permitir que o familiar participe das primeiras refeições na Creche; manter o número reduzido de bebés e crianças pequenas por cada educadora; evitar ao máximo a mudança de educadoras, procurando manter a estabilidade e a continuidade da relação.

Giampino (2006) refere que a separação precoce entre a criança e sua família tem que ser efetuada em boas condições de acolhimento e de relação e que a socialização dos bebés apresenta um interesse genuíno para o desenvolvimento desde que seja acompanhada de uma proteção individual. Os modos de acolhimento são pois pontos de referência para uma adaptação de qualidade. Assim, Giampino refere que é essencial um acolhimento personalizado, ou seja, individualizado. A formação da identidade da criança constrói-se gradualmente, principalmente durante os primeiros anos de vida, sendo as crianças muito pequenas fáceis de ser condicionadas,

especialmente por pessoas que não sejam seus familiares. Nenhuma criança é parecida com outra. Deste modo, personalizar cuidados e criar pequenos momentos de relação é fundamental. As pessoas responsáveis pelas crianças precisam de tempo e formação para incentivar cada criança a conhecer o novo ambiente. O objetivo é que a criança evolua e integre um apoio seguro para construir novos laços com o mundo exterior à família.

Para esta autora a separação diária só é positiva se for aceite pelos pais e preparada progressivamente para a criança. Ao longo dos primeiros dias é necessário que a criança tenha referências tranquilizadoras de afetos para que possa conceber novas relações. Um modo de acolhimento positivo não poderá ser alcançado sem um período de adaptação planeado e organizado pelas equipas educativas juntamente com os pais.

As crianças são descobridoras e curiosas e se a sua entrada na Creche for acompanhada de uma continuação da ligação psíquica entre a criança e os pais ausentes, os medos atenuam-se. Torna-se pois necessário que os pais apoiem a ligação estabelecida entre a criança e a pessoa que cuida dela, o que só é possível se os pais e os profissionais da educação estabelecerem relações de reciprocidade. O objetivo central de ambos é proporcionar à criança as condições para um melhor equilíbrio e desenvolvimento.

Também Filliozat (2000) afirma que os profissionais de educação em Creche devem prestar uma especial atenção às necessidades da criança, propondo várias estratégias que visem facilitar o processo de adaptação. É de extrema importância que o educador ajude a criança a compreender que o facto de ser deixado pelos pais na Creche não é uma punição ou um castigo ou consequência de algo que ele possa ter feito.

Segundo Rodriguez e Hignett (1981) citado por Portugal (2009) nos períodos de ansiedade de separação e angústia perante o estranho, a criança que está adaptada pode mostrar uma maior oposição em deixar a mãe, tornar-se mais absorvente em relação ao educador, mais medrosa em relação ao desconhecido, rabugenta e mais difícil de



consolar. No entanto, também este comportamento quando devidamente entendido e atendido, acaba por desaparecer.

É de salientar que a criança ganhará tanto mais confiança quanto os pais também a ganhem e, mesmo rodeados de atenção e amor na Creche, precisam de saber que têm os pais para si no final de cada dia.

## **1. 6. O educador de infância em Creche**

*“O ato de cuidar demanda uma ligação afetiva entre a educadora e a criança.”*

Veríssimo & Fonseca ( 2003, p. 35).

O educador é uma referência humana decisiva para o bebé ou criança pequena que se insere pela primeira vez num meio desconhecido como é a Creche. Como escreve Biasutti (1973) o educador assume um papel determinante no rumo social da vida da criança, tal como na sua evolução psicossocial, uma vez que é a primeira pessoa externa à família a ter uma influência significativa nos valores que a rodeiam e nos afetos que a envolvem. Spodek & Naracho (1998) defendem que os educadores devem responder às necessidades das crianças e criar momentos de intencionalidades educativa que visem satisfazer as necessidades físicas e emocionais da criança, promover situações de contacto com o meio e desenvolverem formas de relação e de interação.

Para Formosinho (2006) o tempo que é dedicado a cada criança desempenha um importante papel na construção da sua moralidade e no estabelecimento de relações. O facto de o educador estar individualmente com cada criança possibilita conhecê-la melhor, focar-se nos traços da sua personalidade e nas suas necessidades. Também Portugal (1998) refere que o educador em Creche deve ter presente que é de extrema importância compreender cada criança, conhecendo o máximo possível as suas características e origens.

Reconhecendo a importância e a delicadeza da separação entre a criança e a mãe, os educadores devem proporcionar um ambiente caloroso, seguro e interessante para

que os pais sintam confiança em entregar os seus filhos. A presença de um educador calmo e sintonizado com as necessidades imediatas das crianças e das suas famílias, possibilita a tranquilidade e a confiança de ambos. Os educadores podem ajudar na redução da intensidade emocional das separações e dos reencontros, procurando com delicadeza e veracidade descrever os sentimentos de uma criança no momento da partida dos seus pais. Torna-se fundamental uma comunicação aberta, uma conversa bidirecional, significando que os interlocutores esperam a sua vez para ouvirem e falarem (Weikart & Hohmann, 2011). O respeito proporciona uma diversidade de experiências relacionais e uma base de conhecimento e confiança essenciais à criança, à sua família e aos educadores na Creche.

### **1.7. O papel das famílias nos processos de adaptação**

*“A interação mãe-bebé é categórica, pois determina o surgimento da vida psíquica e permite à criança uma construção de estrutura mental e emocional.”*

Gurgel ( 2011,p.53.).

Coutinho (2010) citando Alava & Palacios (2000) refere que *“é aos pais que diz respeito a parte fundamental da educação de uma criança, enquanto a Creche apoia esse trabalho, trabalhando assim em prol de objetivos comuns. Assim, deve ser sempre do conhecimento dos pais o desenvolvimento conseguido pela criança enquanto está entregue aos cuidados de outrem.”* (p.28).

Brazelton & Sparrow (2004) também destacam que o trabalho em parceria entre creche e família é fundamental para as conquistas diárias das crianças. É um processo que exige coerência de atitudes, comportamentos, exigências e expectativas. Muitos educadores sentem dificuldades no trabalho que realizam com os pais mas também que se a parceria for concretizada e bem aproveitada se verificam benefícios para a criança no seu bem-estar, auto-estima e adaptação (Coutinho , 2010).

Do ponto de vista de Brazelton (2009) as separações tendem a ser difíceis, mas é importante que os pais deixem a criança por curtos espaços de tempo com alguém que

ele conheça e que quando regressarem lhe mostrem que já voltaram, aumentando gradualmente esses períodos. O bebé pode assim desenvolver o conceito de independência e o de afastamento.

Segundo Portugal (1998) e Brazelton (2009), existem diferenças nos padrões de interação mãe-bebé ou pai-bebé. São evidentes diferentes estilos de separação, mas também as crianças respondem diversificadamente à ausência do pai ou da mãe. Os autores consideram que o facto de a criança demonstrar ansiedade/angústia nos momentos de separação indica que um determinado nível de desenvolvimento cognitivo e emocional foi atingido. A criança é capaz de relacionar experiências diárias com situações já conhecidas e considerá-las, eventualmente estranhas. A criança, por volta dos sete meses desenvolve um esquema para as pessoas familiares, e perante uma nova imagem diferente do conhecido, experiencia incerteza e ansiedade. Também na vida adulta podemos igualmente experienciar situações em que nos temos de adaptar a alguma situação desconhecida e que nos pode provocar algum desconforto e insegurança.

Um bebé que fez pelo menos uma vinculação segura terá maior probabilidade de desenvolver relações seguras com as pessoas do seu mundo, como sejam avós, outros adultos, crianças e profissionais de educação. As relações dos bebés com outras pessoas, nomeadamente os educadores de infância, não são consideradas uma ameaça ao elo pais-filho, sendo pelo contrário um contributo para o desenvolvimento do sentido de confiança do bebé no mundo e nas pessoas que nele vivem.

Referindo-se à relação entre a creche e a família, Weikart & Hohmann (2011)<sup>12</sup> consideram que *“(...) pais e educadores não competem. Em vez disso, desempenham papéis bastante diferentes na relação com a criança, papéis em que a criança confia para afirmar as suas características próprias de uma maneira consistente e segura.”* (p.331) *“(...) enquanto as crianças estão a estabelecer novas relações com os seus educadores e pares, a sua relação privilegiada com os pais mantém-se intacta.”* (p.331).

---

<sup>12</sup> Estudo NICHD (1997-1999) Instituto Nacional de Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano.

Para Cadart (2006) é necessário abrir lugares de acolhimento para todas as famílias e envolver os pais na vida da Creche. O envolvimento dos pais permite que conheçam outras maneiras de atuar e que adquiram consciência da universalidade das questões educativas. Valorizar os pais nas suas habilidades, incentivá-los a tomar iniciativas e responsabilidades e considerar a sua participação, constituem benefícios importantes.

## **2. Aspetos metodológicos**

### **2.1. Natureza do estudo**

Optámos por um estudo exploratório de natureza empírica, tendo como base a investigação qualitativa. Como refere Aires (2011), citando Dezin& Lincoln (1994) “*o investigador qualitativo é capaz de captar directamente a experiência vivida*” (p.9), realiza pesquisas no terreno e conquista informação. Um investigador qualitativo usa, em simultâneo, a recolha de dados, a análise e o processo de escrita, a análise da produção científica existente, interpretando o mundo social em que vive, com o intuito de possibilitar e ampliar o conhecimento sobre um determinado assunto (Bento, 2012).

### **2.2. Questões e objetivos do estudo**

Refletindo sobre a realidade da Creche, possibilitada pela minha experiência de estágio e pela pesquisa bibliográfica, o presente estudo teve início com as seguintes questões: Como é que as instituições/Creches preparam os momentos de entrada do bebé ou criança pequena? Que condições reúnem as creches para receber e integrar os bebés e os seus pais, de que forma promovem o seu bem-estar?

Por forma a orientar a recolha das informações, estabelecemos os seguintes objetivos para o presente estudo:

#### **Objetivo geral:**

Compreender quais as necessidades da criança pequena e os contextos educativos que possibilitam o seu bem-estar e desenvolvimento.

**Objetivos específicos:**

- 1- Compreender as necessidades do bebé e da criança pequena no processo de adaptação à Creche.
- 2- Identificar os comportamentos manifestados pelas crianças ao longo do processo de adaptação à Creche.
- 3- Compreender de que forma as figuras parentais vivenciam as primeiras experiências de separação do bebé ou criança pequena quando da entrada na Creche.
- 4- Identificar as dificuldades sentidas neste processo de transição/separação (pelas crianças, pelos pais, pelos educadores/equipa educativa).
- 5- Identificar os modos de organização e estratégias de integração implementadas na Creche com vista a uma adaptação harmoniosa do bebé e da criança pequena.

**2.3. Participantes do estudo**

Quisemos orientar o nosso estudo para a escuta dos intervenientes adultos neste processo, educadores e famílias, pois que são eles quem põe em marcha o ambiente de que a criança pequena irá beneficiar.

Aires (2011) defende que a seleção da amostra tem um significado muito particular, uma vez que influencia a precisão da informação recolhida. Dada a natureza do nosso estudo, os seus objetivos e o tempo disponível, optámos pela recolha da informação através da aplicação de inquéritos por questionário aos pais e entrevistas às educadoras de infância, em três instituições (A, B, C): duas Instituições Particulares de Solidariedade Social e uma Privada. As três instituições disponibilizam uma sala de berçário e uma sala de um ano, onde recebem crianças dos quatro aos vinte e quatro meses. As entrevistas foram realizadas às educadoras de infância das respetivas salas.

A amostra do nosso estudo é assim composta por quarenta e três pais e seis educadoras de infância: dezasseis pais e duas educadoras de infância (Instituição A) doze pais e duas educadoras de infância (Instituição B) e quinze pais e duas educadoras de infância (Instituição C).

**Instituição A**

<b>Grau de parentesco</b>	<b>Mãe</b> 12	<b>Pai</b> 0	<b>Total</b>
<b>Gênero da criança</b>	<b>Feminino</b> 4	<b>Masculino</b> 8	12
<b>Mãe/pai pela primeira vez</b>	<b>Sim</b> 3	<b>Não</b> 9	
<b>Idade da criança quando entrou</b>	4 meses aos 23 meses		

- Educadora de Infância da sala de berçário – 20 anos de experiência.
- Educadora de Infância da sala de um ano – 10 anos de experiência.

**Instituição B**

<b>Grau de parentesco</b>	<b>Mãe</b> 12	<b>Pai</b> 3	<b>Total</b>
<b>Gênero da criança</b>	<b>Feminino</b> 4	<b>Masculino</b> 8	15
<b>Mãe/pai pela primeira vez</b>	<b>Sim</b> 9	<b>Não</b> 6	
<b>Idade da criança quando entrou</b>	9 meses aos 24 meses		

- Educadora de Infância da sala de berçário – 25 anos de experiência.
- Educadora de Infância da sala de um ano – 18 anos de experiência.

**Instituição C**

<b>Grau de parentesco</b>	<b>Mãe</b> 16	<b>Pai</b> 0	<b>Total</b>
<b>Gênero da criança</b>	<b>Feminino</b> 8	<b>Masculino</b> 8	16
<b>Mãe/pai pela primeira vez</b>	<b>Sim</b> 5	<b>Não</b> 11	
<b>Idade da criança quando entrou</b>	3 meses aos 18 meses		

- Educadora de Infância da sala de berçário – 15 anos de experiência.
- Educadora de Infância da sala de um ano – 12 anos de experiência.

## 2.4. Instrumentos e procedimentos de recolha de dados

A seleção das técnicas a utilizar para a recolha de dados revela-se como uma etapa fulcral para a concretização dos objetivos do trabalho de campo.

Aires (2011)<sup>13</sup> apresenta as técnicas de recolha de informação usadas na metodologia qualitativa como técnicas diretas ou interativas e técnicas indiretas ou não-interativas. No nosso estudo socorremo-nos de técnicas diretas - as entrevistas estruturadas com as educadoras de infância - de técnicas indiretas - os inquéritos por questionário aos pais - e ainda informação documental recolhida a partir da pesquisa bibliográfica.

Foi dirigida uma carta de apresentação do estudo às educadoras de infância solicitando a sua colaboração através da realização de uma entrevista. Foi igualmente escrita uma carta aos pais solicitando a sua colaboração, entregue junto com o respetivo inquérito, pelas educadoras de infância das salas de berçário e um ano.

Segundo, Aires (2011) citando, Fontana e Frey (1994) *“a entrevista é uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e compreensão do ser humano, adopta uma grande variedade de usos e uma grande multiplicidade de formas.”*(p.28).

As entrevistas estruturadas, realizadas de forma individual com as seis educadoras de infância (com recurso a um gravador) consistiram num conjunto de perguntas pré-estabelecidas (ver Anexo 3) com os objetivos de: 1) compreender o processo de transição/separação; 2) identificar alguns dos comportamentos manifestados pelas crianças ao longo do processo de separação e adaptação à Creche; 3) conhecer o modo de organização do ambiente educativo e as estratégias de integração implementadas na Creche.

As questões foram delineadas a partir da pesquisa bibliográfica realizada e das questões que nos surgiram como relevantes para o estudo em causa. Como refere Silva

---

<sup>13</sup>Colás (1992) Técnicas qualitativas de recolha de informação.

(2011)“(…) *Antes da entrevista o entrevistador procura reunir o máximo de informações disponíveis sobre o assunto a ser abordado e sobre a pessoa que será entrevistada. Munido deste material, ele formula perguntas que levem o entrevistado a fornecer informações novas e relevantes.*”(p.27).

No que se refere aos inquéritos por questionários aos pais (ver Anexo 4), compostos por questões de resposta aberta e fechada, foram construídos tendo em conta o papel da família nas transições da criança para a Creche e igualmente fundamentados na pesquisa bibliográfica realizada.

Silva (2011) cita Campenhoudt & Quivy (1998) refere que “*O questionário é uma técnica de investigação composta por um pequeno ou grande número de questões apresentadas por escrito a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, com o objectivo de propiciar determinado conhecimento ao investigador.*”(p.32).

Pretendeu-se compreender:

- 1) de que forma as figuras parentais vivenciam as primeiras experiências de separação do bebé ou criança pequena quando da entrada na Creche;
- 2) quais as suas expectativas e inquietações;
- 3) identificar alguns dos comportamentos manifestados pelas crianças ao longo do processo de separação e adaptação à Creche;
- 4) compreender algumas das dificuldades deste processo de transição/separação;
- 5) o que pensam os pais da forma como esta entrada se processa ou se processou;
- 6) o que pensam da forma como a Instituição e as suas práticas facilitou esta adaptação.



## 2.5. Apresentação e análise dos dados recolhidos

### I -Inquérito por questionário aos pais

#### Identificação da amostra

Salas de Berçário	Salas de um ano	Total
<ul style="list-style-type: none"> <li>10 mães, 6 mães e 3 pais</li> </ul> Total = 19	<ul style="list-style-type: none"> <li>12 mães, 10 mães e 2 mães</li> </ul> Total = 24	43

**Questão 1: Quais os motivos que o (a) levaram a inscreverem o seu filho (a sua filha) este ano na Creche?**

Salas de Berçário
<ul style="list-style-type: none"> <li>Questões profissionais (12 R<sup>14</sup>)               <ul style="list-style-type: none"> <li>Papel da Creche no desenvolvimento da criança (7 R)                   <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento global (4 R); Interação com outras crianças (3 R)</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>

Os encarregados de educação mencionaram os motivos profissionais e o papel da Creche no desenvolvimento da criança.

Salas de Um ano
<ul style="list-style-type: none"> <li>Papel da Creche no desenvolvimento da criança (10 R)               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento da linguagem (7 R); Socialização (3 R)</li> </ul> </li> <li>Questões profissionais (9 R)</li> </ul>

Também os pais das salas de um ano consideram o papel da Creche no desenvolvimento da criança no seu segundo ano de vida. Surgem também as questões profissionais como segundo motivo de decisão.

<sup>14</sup> R – Corresponde ao número de respostas.

**Questão 2: Que razões o (a) levaram a escolher esta Creche?****Salas de Berçário**

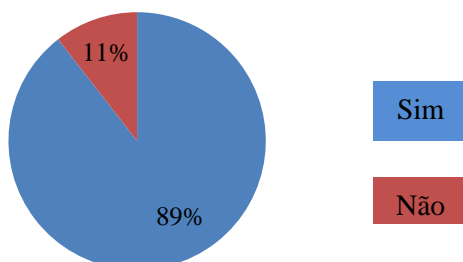
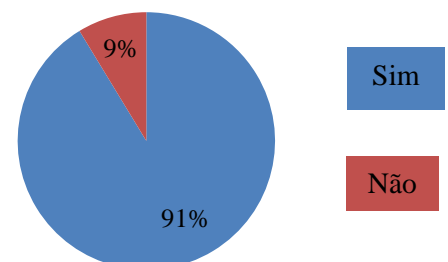
- Boas referências das Creches (13 R)
- Ambiente acolhedor (7 R); Confiança (3 R); Profissionalismo (3 R)
- Irmãos já frequentaram (6 R)

A maioria dos pais destacou o conhecimento e boas referências da instituição. Na maioria dos casos esse conhecimento deve-se ao fato dos irmãos já terem frequentado a mesma Creche e terem tido boas experiências.

**Salas de Um ano**

- Boas referências das Creches (14 R)
- Prestação de serviços de qualidade (7 R); Boas instalações (5R) ; Boas equipas educativas (2 R)
- Proximidade do local de trabalho (10 R)

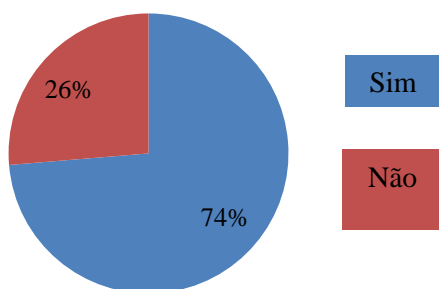
As boas referências das Creches assumem de novo um forte papel na escolha. Os pais destacam a prestação de serviços de qualidade, boas instalações e boas equipas educativas. Também a proximidade dos locais de trabalho foi um fator assinalado.

**Questão 3: Antes do dia da entrada na Creche foram realizadas entrevistas de modo a conhecer a educadora do seu filho (da sua filha)?****Questão 3 - Salas de Berçário****Questão 3 - Salas de Um ano**

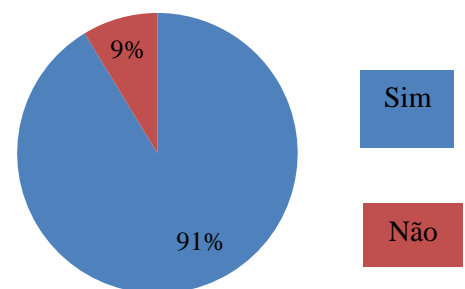
A maioria dos pais referiu que são realizadas entrevistas de modo a conhecer as educadoras de infância. Nas salas de berçário quatro pais referiram que não houve este momento e nas salas de um ano dois pais.

**Questão 4: Antes do dia da entrada na Creche foram realizadas entrevistas de modo a que a educadora do seu filho (da sua filha) o (a) conhecesse e conversasse sobre ele (a) com os pais/encarregados de educação?**

**Questão 4 - Salas de Berçário**



**Questão 4 - Salas de Um ano**



Verificámos que antes da entrada do bebé ou criança pequena na Creche, foram realizadas entrevistas de modo a que as educadoras de infância pudessem conhecer as crianças e as suas famílias. Existe contudo um número significativo de pais (sete respostas) que referiu que não terem sido realizadas entrevistas.

**Questão 5: No caso de ter respondido Sim às perguntas anteriores, o que recorda dessas entrevistas (sentimentos/ impressões positivas ou menos positivas que guardou?)**

**Salas de Berçário – Sentimentos positivos**

- Interesse em conhecer a criança (6 R)
- Explicação de todos os procedimentos (6 R)
- Profissionalismo das educadoras (4 R)
- Não registaram qualquer observação (3 R)

É salientado pelos pais o interesse manifestado pela equipa em conhecer individualmente cada bebé (nomeadamente no que toca às rotinas em casa). Dão igualmente importância à explicação dos procedimentos.

<b>Salas de Um ano – Sentimentos positivos</b>
--

- |  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sentimento de aconchego, segurança e proteção à criança (9 R)           <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rotinas semelhantes às praticadas em casa (8 R)</li> <li>• Educadora esclarecedoras face às dúvidas (7 R)</li> </ul> </li> </ul> |
|--|

Para a maioria dos pais das salas de um ano os sentimentos positivos encontram-se relacionados com o bom acolhimento e a preocupação pelo bem-estar das crianças. Igualmente surge o agrado com o facto de as rotinas irem ao encontro das praticadas em casa, facto que tranquiliza os pais. O facto das educadoras de infância estarem disponíveis para esclarecer dúvidas potencia a segurança aos pais.

<b>Salas de Berçário – Sentimentos negativos</b>
--

- |  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não registaram qualquer observação (15 R)           <ul style="list-style-type: none"> <li>• A educadora que fez a entrevista não ser a mesma da sala (2 R)</li> </ul> </li> <li>• Muita informação que podia ser esquematizada e mais esclarecedora (2 R)</li> </ul> |
|--|

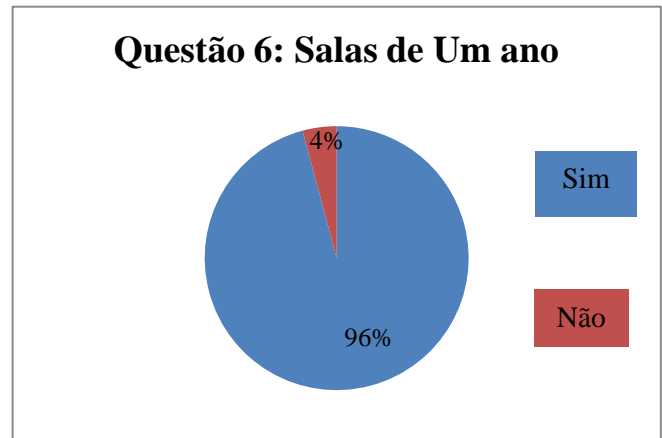
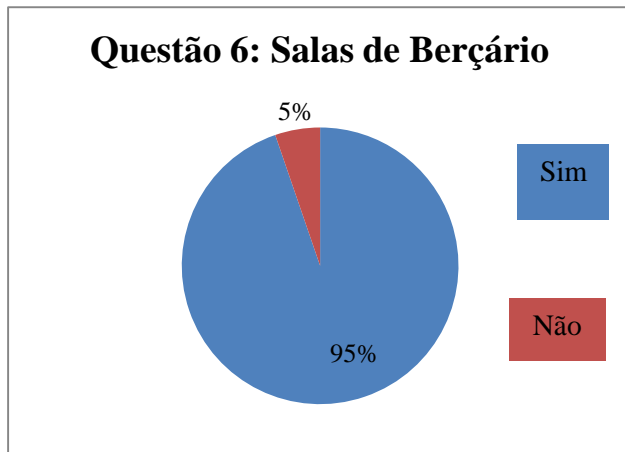
A maioria dos pais não registou nenhum sentimento menos positivo em relação às Creches. Surge em dois pais a circunstância das educadoras que fazem as entrevistas não serem as mesmas que se encontram nas salas. Também dois pais sublinham a forma como a apresentação foi transmitida.

<b>Salas de Um ano – Sentimentos negativos</b>
--

- |  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não registaram qualquer observação (23 R)           <ul style="list-style-type: none"> <li>• Número de crianças por sala (1 R)</li> </ul> </li> </ul> |
|--|

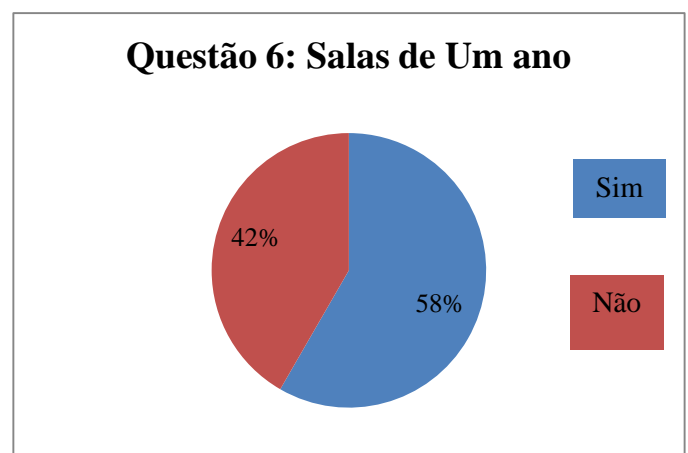
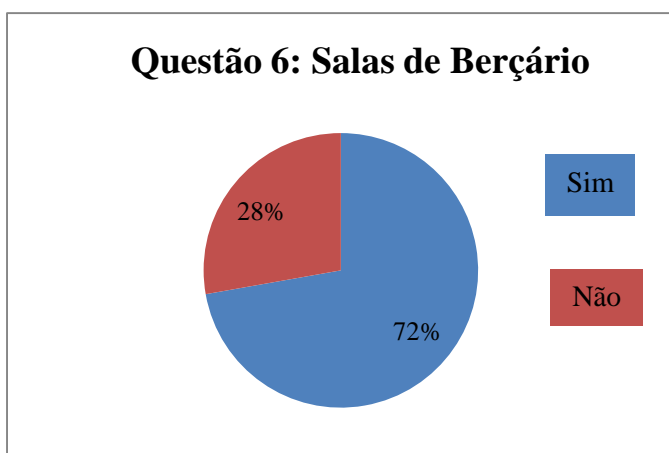
A maioria dos pais não registou nenhum sentimento menos positivo em relação às Creches. Um pai sublinhou como ponto negativo o número de crianças por sala, que no seu entender dificulta os processos de adaptação e a resposta às necessidades individuais das crianças.

**Questão 6: Antes do dia da entrada do seu filho (da sua filha) na Creche visitou a Creche?**



Em ambas as salas a maioria dos pais afirma que foram realizadas visitas para conhecer a Creche. Contudo, nas salas de berçário sete pais registaram e nas salas de um ano nove pais referiram que não visitaram a instituição.

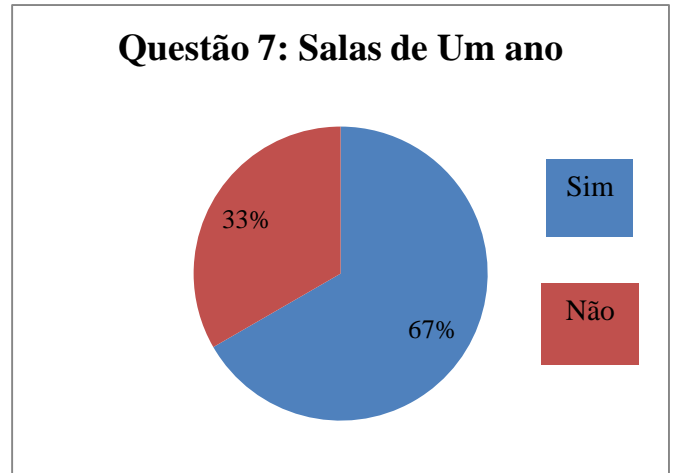
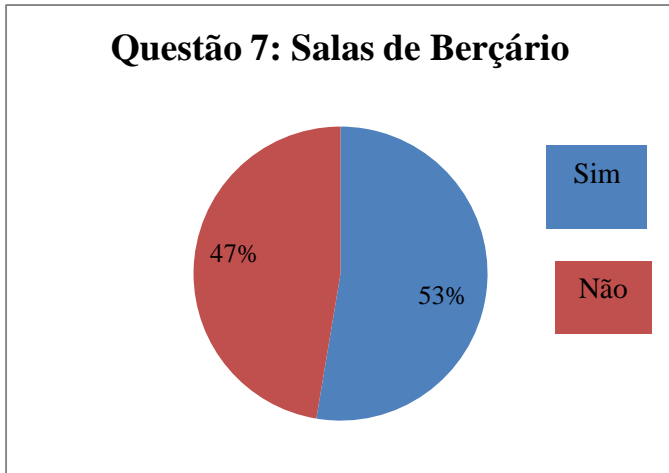
- **Acompanhada pelo seu filho (pela sua filha)?**



Embora maioritariamente a criança tenha acompanhado os pais no conhecimento prévio da instituição, algumas visitas à instituição foram realizadas sem a presença das crianças (nas salas de berçário seis e nas salas de um ano, dez).

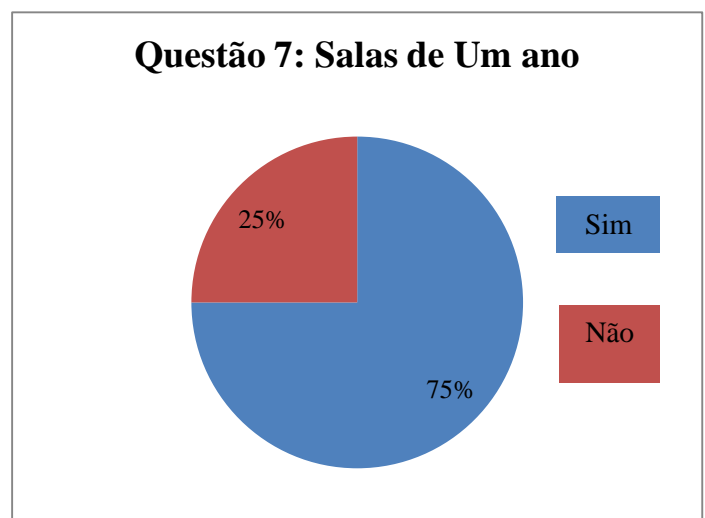
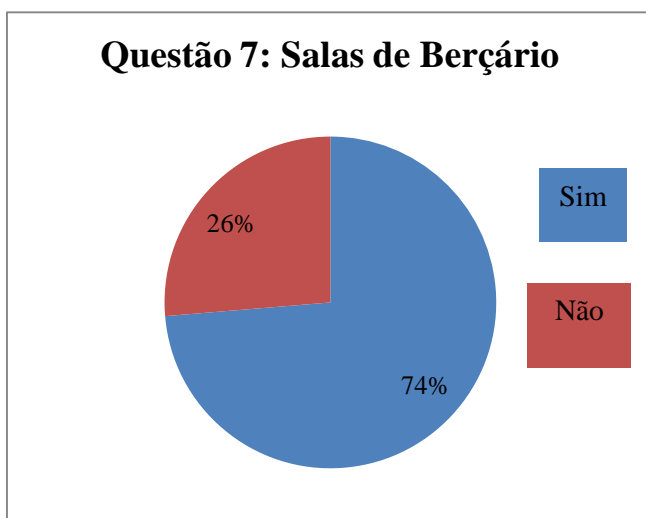
**Questão 7: De que forma foi preparada pela Creche a entrada do seu filho (da sua filha)?**

- **Reunião coletiva com encarregados de educação?**



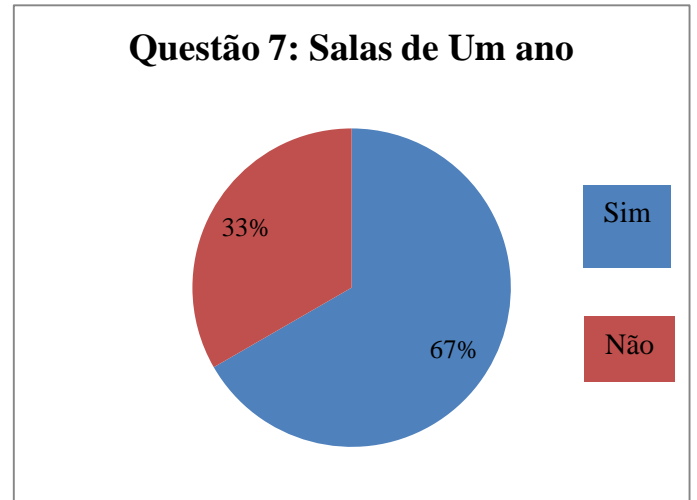
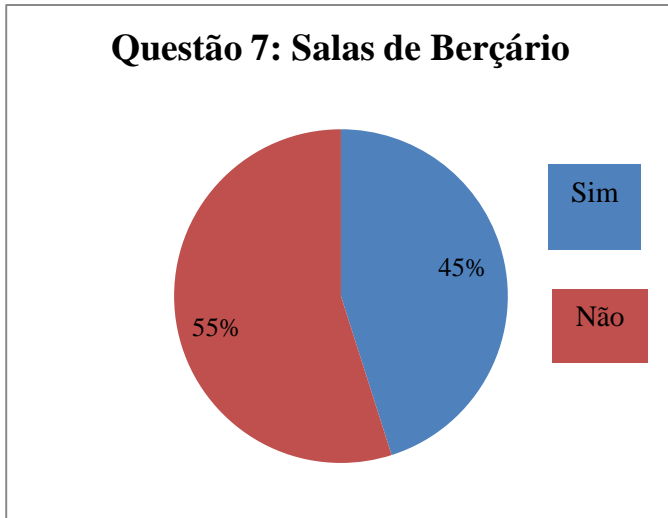
A maioria dos pais refere que a entrada da Creche foi preparada antecipadamente através de uma reunião coletiva com os encarregados de educação. Nas salas de berçário oito pais registaram que não e nas salas de um ano, doze pais.

- **Conversa individualizada com encarregados de educação?**



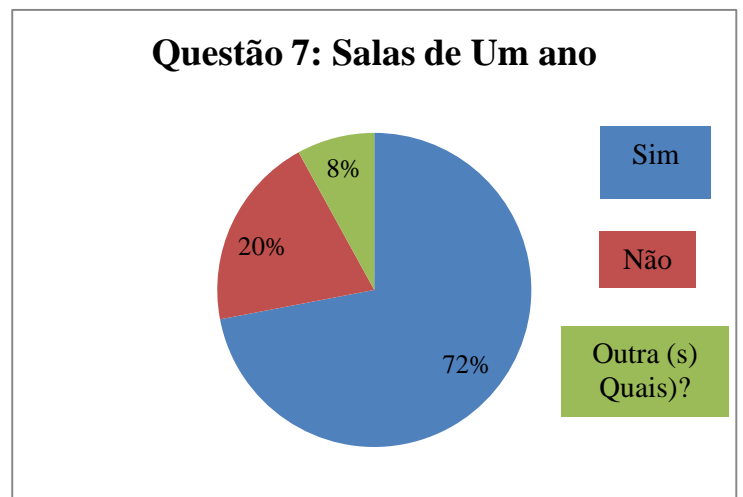
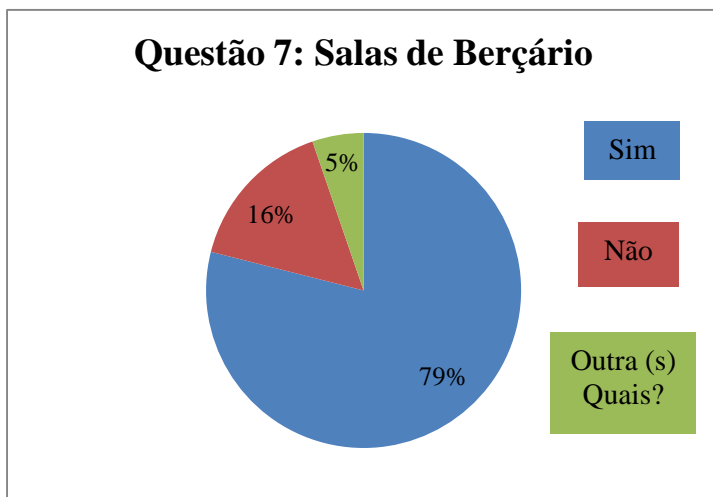
Os pais referem maioritariamente que para além da reunião coletiva, também houve uma reunião individual. Nas salas de berçário cinco registaram que não e nas salas de um ano, três pais registaram que não.

- **Momento individualizado com pais e criança?**



Podemos observar que, embora não maioritária, uma parte considerável da nossa amostra refere que não foram feitas entrevistas em momento individualizado com os pais e a criança.

- **Acompanhamento do seu filho na sala no(s) primeiros(s) dias?**



É visível em ambas as salas que são realizadas práticas de acompanhamento nos primeiros dias. Nas salas de berçário, cinco pais registaram que não e nas salas de um ano sete pais registaram que não. No que toca ao registo de outras práticas, nas salas de berçário, dois pais indicaram que a adaptação foi feita gradualmente e nas salas de um ano, cinco pais disseram que foi feito um acompanhamento individualizado.

**Outra(s) Quais?****Salas de Berçário**

- Não registaram qualquer observação (17 R)
- A adaptação das crianças foi feita gradualmente (2 R)

A maioria dos encarregados de educação não respondeu à questão. Sublinharam o período de adaptação antes da entrada efetiva na Creche bem como, uma atenção das equipas educativas no acompanhamento e acolhimento individualizado das crianças.

**Salas de Um ano**

- Não registaram qualquer observação (19 R)
- Acolhimento individualizado (5 R)

A maioria dos pais não registou qualquer observação. Um pequeno número destacou a atenção e individualização que é manifestada no momento do acolhimento.

**Questão 8: O que recorda de mais positivo e de menos positivo ou negativo da integração do seu filho (da sua filha) na Creche?**

**Salas de Berçário – Sentimentos positivos**

- Criação de laços afetivos com outros cuidadores (9 R)
  - Adaptação fácil desde o primeiro dia (7 R)
    - Adaptação gradual (3 R)

As respostas apresentadas são variadas. É visível sobretudo, a criação de novos laços afetivos com as equipas educativas. Registaram em grande número que os bebés no berçário têm facilidade em se adaptar.



**Salas de Um ano – Sentimentos positivos**

- Bom relacionamento com o grupo e equipa educativa (12 R)
  - Desenvolvimento dos hábitos de rotina (10 R)
    - Maior independência (2 R)

Nas salas de um ano, os sentimentos em torno da integração centram-se no bom relacionamento criado com o grupo de crianças e com a equipa, os novos hábitos de rotina e a maior independência.

**Salas de Berçário – Sentimentos negativos**

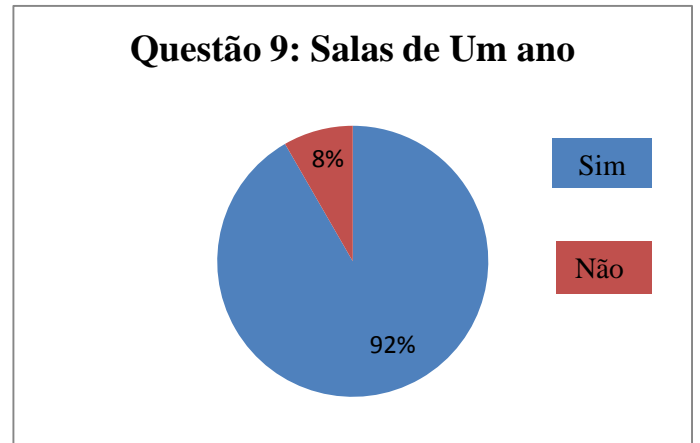
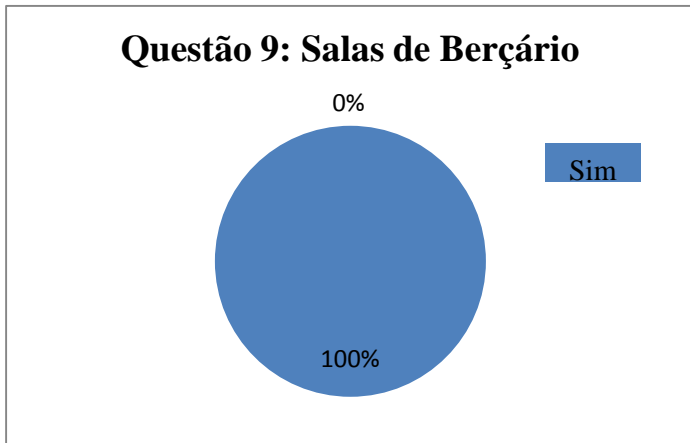
- Choro nas primeiras semanas (13 R)
- Não registaram qualquer observação (6 R)

É manifestado que nas primeiras semanas os bebés choram com grande frequência. Existe um número considerável de pais que não fez nenhum registo.

**Salas de Um ano – Sentimentos negativos**

- Não registaram qualquer observação (18 R)
- Nas primeiras semanas chorava muito nas despedidas (3 R)
- O fato de não ser a mesma pessoa a receber a criança (3 R)

A maioria dos pais não indicou nenhum sentimento negativo. Registaram o fato das crianças chorarem nas horas das despedidas bem como o não ser a mesma pessoa a recebê-las todos os dias.

**Questão 9: Tem conhecimento das atividades que são desenvolvidas na Creche?**

Maioritariamente os pais referem conhecimento das atividades desenvolvidas. Nas salas de um ano nove pais registaram contudo que não têm conhecimento das atividades desenvolvidas.

**Questão 10: Como tem acesso a essa informação?**

Salas de Berçário
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conversa diária com a educadora (14 R)</li> <li>• Exposição na sala das planificações, informações e atividades realizadas (5 R)</li> </ul>

A maioria dos pais registou que têm acesso às informações através das conversas diárias com as educadoras. A exposição da informação é ainda acessível nas salas de atividades.

Salas de Um ano
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conversa diária com a educadora (12 R)</li> <li>• Reunião com a educadora no início do ano letivo (6 R) <ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalhos levados para casa (4 R) <ul style="list-style-type: none"> <li>• Via e-mail (2 R)</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>

Nas salas de um ano existe uma diversidade de acesso à informação. A maioria dos pais afirma que têm acesso à informação através das conversas diárias com a educadora de infância. São também referidas as reuniões periódicas e os trabalhos realizados que são levados para casa e ainda informações por mail.

### Questão 11: A Creche possibilita a sua participação na sala e nas atividades?

Salas de Berçário
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim, quando é solicitado pela educadora (9 R)</li> </ul> <p>No dia destinado aos pais (convidados a passar uma manhã com a criança; dias de aniversário)</p>

É visível que os pais participam quando solicitados pelas educadoras. Esta participação parece resumir-se a dois dias: dia destinado aos pais e dia de aniversário)

Salas de Um ano
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não especificam (22 R)</li> </ul>

Os pais das salas de um ano afirmam apenas que sim, sem especificarem em que situações.

### Questão 12: Como descreveria os seus sentimentos no primeiro dia do seu filho(filha) na Creche?

Salas de Berçário
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ansiedade de separação (12 R) <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preocupação pela reação do bebé ao novo espaço (7 R)</li> <li>• Confiança no carinho e dedicação das educadoras (12 R)</li> </ul> </li> </ul>

Para os pais dos berçários os primeiros dias do filho (a) na Creche foram vividos de igual com ansiedade e preocupação e simultâneamente com confiança no trabalho das equipas educativas.

<b>Salas de Um ano</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Segurança nas equipas educativas (10 R)                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Emoção (5 R)</li> </ul> </li> <li>• Tristeza por deixar a criança (4 R)                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Saudade (5 R)</li> </ul> </li> </ul>

Para os pais das salas de um ano, houve um misto de sentimentos: emoção saudade e tristeza. Revelam igualmente segurança nas equipas educativas.

**Questão 13: Como foi a adaptação da criança à Creche nas primeiras semanas?**

<b>Salas de Berçário</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os bebés manifestaram choro nas primeiras semanas (9 R)</li> <li>• Não são identificados comportamentos diferentes no bebé (7 R)                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estranhou as pessoas e o novo espaço (3 R)</li> </ul> </li> </ul>

Nas salas de berçário os pais referem sobretudo “o choro” e a reação de estranheza. Um número significativo não identificou no bebé comportamentos diferentes.

<b>Salas de Um ano</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inseguranças no primeiro mês (15 R)                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preferiam a companhia do adulto (6 R)</li> </ul> </li> <li>• Não são identificados comportamentos diferentes na criança (3 R)</li> </ul>

Nas salas de um ano a adaptação é feita com alguma insegurança que se expressa numa maior procura da companhia do adulto.

**Questão 14: Quais as alterações de comportamento que verificou nessa transição no seu filho (na sua filha)?**

**Salas de Berçário**

- Mais comportamentos de apego à mãe (6 R)
  - Surgimento de novas rotinas (5 R)
- Não houve alteração do comportamento (8 R)

Os pais das salas de berçário destacam a necessidade dos bebés estarem mais perto das mães e a criação de novas rotinas. Existe oito pais que referem que não notaram qualquer alteração dos comportamentos.

**Salas de Um ano**

- Choravam na hora da despedida (12 R)
- Maior necessidade do afeto dos pais (7 R)
- Descontrolo dos esfíncteres no momento da sesta (5 R)

Para os pais das salas de um ano, as alterações manifestaram-se por choro na hora da despedida, maior necessidade do afeto dos pais e descontrolo dos esfíncteres.

**Questão 15: Sentiu por parte da Creche resposta às suas inquietações nestes momento de separação do seu filho (da sua filha)?**

**Salas de Berçário**

- A educadora tranquilizou e colaborou na integração (19 R)
- Atitude carinhosa no momento do acolhimento (5 R)

Em grande parte é transmitido pelos pais das salas de berçário que as equipas educativas respondem às inquietações sentidas no momento de separação. Sublinhamno momento do acolhimento a manifestação de carinho das educadoras de infância.

<b>Salas de Um ano</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A equipa educativa foi sempre muito positiva a apoiar os momentos de separação, bem como responder a problemas surgidos (22 R )                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não ajudaram muito nesta questão (1 R)</li> </ul> </li> </ul>

A quase totalidade dos pais mostra-se satisfeita com as respostas da equipa educativa. Um pai que registou que as Creches não o ajudaram nesta questão.

**Questão 16: O que acharia importante que uma Creche garantisse com vista a um acompanhamento de qualidade da entrada da criança na Creche?**

<b>Salas de Berçário</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Carinho, segurança e interesse para com as crianças (10 R)</li> <li>• Haver uma sala de amamentação para além da sala do berçário (1 R)                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não registaram qualquer observação (8 R)</li> </ul> </li> </ul>

Os pais consideram que as práticas aplicadas devem manter-se. A única sugestão é a de haver uma sala de amamentação.

<b>Salas de Um ano</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acompanhamento individual prestado pelas educadoras de infância (13 R)                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista antes da entrada da criança paratroca de informações (3 R)</li> </ul> </li> <li>• Permitir com mais frequência o acesso dos pais à sala no período de adaptação (2 R)                             <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não registaram qualquer observação (6 R)</li> </ul> </li> </ul>

Em grande número os pais das salas de um ano consideram importante o acompanhamento individual (não especificam a forma individualizada). Consideram as entrevistas iniciais contribuem para as trocas de informações. Dois pais sugerem a possibilidade de os pais poderem ter acesso à sala no período de adaptação.

### I I -Inquérito por entrevista com educadoras de infâncias

**Questão 1: Tendo em conta a sua experiência profissional como caracteriza o momento de entrada da criança na Creche? (vantagens, dificuldades, vulnerabilidades)**

<b>Educadoras de infância das Salas de Berçário</b>	
<p><b>As vantagens:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ajuda ao desenvolvimento:</li> <li>- Torna a criança mais sociável (3 R)</li> <li>- Aprendizagem por imitação (2 R)</li> <li>- Aprendizagem das rotinas (2 R)</li> <li>- Disciplina (2 R)</li> </ul>	<p><b>As vulnerabilidades e dificuldades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Medo do desconhecido (3 R) <ul style="list-style-type: none"> <li>• Inserção no grupo (3R)</li> </ul> </li> <li>• Insegurança na hora da despedida (3 R)</li> <li>• Processo doloroso para pais e filhos (3R)</li> </ul>

<b>Educadoras de infância das Salas de Um ano</b>	
<p><b>As vantagens:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Socialização (3 R)</li> <li>• Ingresso numa realidade diferente da família (3 R)</li> </ul>	<p><b>As vulnerabilidades e dificuldades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A criança entra com medos e ansiedades (3 R)</li> </ul>

**Questão 2: Como educadora, qual a sua maior preocupação quanto à integração das crianças na Creche?**

**Educadoras de infância das Salas de Berçário**

- Bem-estar da criança (3 R)
- Sinceridade dos pais (3 R)
- Relações com os pais (3 R)

**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

- Ir ao encontro de cada criança (3 R)
- Bom acolhimento da criança (2 R)
- Transmitir amor, mimo e conforto (1 R)

**Questão 3: Quais as estratégias que utiliza na preparação para a entrada da criança na Creche? Reuniões? Entrevistas com os pais e a criança? Visita à Creche? Acompanhamento pelos pais nos primeiros dias? Outros?**

**Educadoras de infância das Salas de Berçário**

**Estratégias de preparação para a entrada da criança**

- Realizar um levantamento dos dados de cada criança (3 R)
- Conhecer individualmente cada criança (entrevista com ficha diagnóstica) (3 R)
- Perguntar aos pais se querem permanecer umas horas nas salas nos primeiros dias (3 R)
- Reuniões coletivas para informar e colocar os pais à-vontade para poderem manifestar as inquietações (3 R)
- Troca diária de informações (acolhimento e saída) (3 R)



**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

- Ir ao encontro de cada criança (3 R)
- Acolhimento individualizado (3 R)
- Transmitir amor, mimo e conforto (1 R)

**Questão 4: As rotinas são adaptadas para as crianças que se encontram em fase de adaptação?**

**Educadoras de infância das Salas de Berçário**

- As rotinas envolvem os processos de adaptação (2 R)
- As crianças vão gradualmente ao encontro das rotinas da instituição (2 R)

**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

- As rotinas devem considerar a individualidade e devem ser adaptadas de acordo com as necessidades das crianças (6 R)
  - Gradualmente vamos inserido a rotina da sala (3 R)

**Questão 5: É tido em conta o ritmo da cada criança, os seus hábitos e os da família no processo de adaptação?**

**Educadoras de infância das Salas de Berçário**

- Valorização das rotinas diárias da criança e não da instituição (3R)
  - Os pais questionam para realizar o mesmo em casa (1R)

**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

- Vai-se ao encontro das necessidades das crianças (3 R)
- Trabalha-se em função de um grupo e não individual (2 R)

**Questão 6: Em sua opinião quais os fatores que poderão facilitar e/ou dificultar este momento de transição?**

**Educadoras de infância das Salas de Berçário**

**Fatores que facilitam**

- Solicito o objeto de apego (2 R)
- A confiança que os pais depositam nas equipas educativas (2 R)
  - Empatia criada com a criança (1 R)

**Fatores que dificultam**

- O fato dos bebés irem para casa dos avós e não permanecerem na Creche (1 R)

**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

**Fatores que facilitam**

- O grupo de crianças iniciar a Creche no mesmo dia (2 R)

**Fatores que dificultam**

- Os pais (6 R)
- Não darem resposta quando necessário (3 R); Os obstáculos colocados (3 R)
- As crianças não estarem todas no mesmo nível de adaptação (3 R)

**Questão 7: Um grupo com elevado número de crianças leva a que a adaptação seja mais difícil?**

**Educadoras de infância das salas de berçário**

- No caso dos berçários não pois não são muitas crianças (3 R)

**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

- É importante a redução do número (3 R)
- O importante é que todas entrem ao mesmo tempo (3 R)

**Questão 8: Considera a separação/adaptação mais difícil para a mãe ou para o pai?**

**Educadoras de infância das Salas de Berçário**

- As mães manifestam mais (3 R)

**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

- É difícil a mãe e para o pai, embora a mãe manifeste mais os seus sentimentos (3 R)

**Questão 9: Como reage com os pais mais ansiosos e inseguros? Que tipo de estratégias utiliza? De que forma aconselha e responde às inquietações sentidas pelos pais?**

**Educadoras de infância das Salas de Berçário**

**Estratégias**

- Colocar os pais a par de todos os comportamentos. (3 R)
- Dar o meu número de telefone para que estes se sintam à vontade para ligarem.

(1 R)

**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

**Estratégias**

- Tranquilizar os pais em torno da fase de adaptação. Transmitindo-lhes que todos os pais passam pelas mesmas situações. (3 R)
- Solicitar aos pais a transmissão das ansiedades. Tendo sempre a preocupação de facultar aos pais textos de psicólogos sobre os momentos de adaptação das crianças. (3 R)

**Questao 10: Pensa que o período de separação da criança e posterior adaptação poderá ser importante no desenvolvimento harmonioso do bebé e suas interações?**

**Porquê?**

**Educadoras de infância das Salas de Berçário**

- O fato do bebé sair perto da família e se juntar a um cuidador que transmite segurança, amor, confiança e proteção irá contribuir o seu desenvolvimento. (3 R)

**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

- A partir do momento em que a criança se encontra adaptada, vai sem dúvida conquistar tudo o que faz parte do desenvolvimento. (2 R)
- A criança está habituada a ser um “todo” em casa e na Creche passa a saber partilhar e a conquistar junto de um grupo. (2 R)

**Questão 11: Sente falta de maior formação para lidar com a temática da separação e adaptação das crianças à entrada na Creche?**

**Educadoras de infância das Salas de Berçário**

- Não sentem necessidades pois consideram que os anos de prática resolvem(3 R)

**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

- Não sentem porque têm muitos anos de prática e tudo depende de como é a criança (3 R)

**Questão 12: O que gostaria que fosse possível a instituição fazer/oferecer para tornar este momento um bom momento?**

**Educadoras de infância das Salas de Berçário**

- As práticas são sempre feitas com qualidade (3 R)
  - Haver mais recursos humanos (1 R)

**Educadoras de infância das Salas de Um ano**

- As equipas são sempre atentas (3 R)
- A tutela da segurança social deve diminuir o número de crianças por sala (1 R)

## **2. 6. Leitura dos dados recolhidos**

### **2.6.1. Inquéritos aos pais:**

#### **Motivo de inscrição da criança na Creche**

- Uma larga maioria dos pais sublinhou como primeiro motivo que os levou a inscrever o (a) filho (a) na Creche as questões profissionais e a incompatibilidade da vida pessoal com a vida profissional. Surge seguidamente o facto de pensarem que a Creche assume um importante contributo para o desenvolvimento da criança. Saliente-se que na idade de berçário é referido várias vezes pelos pais ser importante para o bebé a “socialização, estar com outras crianças e a disciplina”.

- No que se refere à razão da escolha específica da instituição surgem: a localização e acessos, as boas referências, o facto de os irmãos já terem frequentaram a mesma e as prestações mensais. Os pais dão ainda atenção ao profissionalismo das equipas educativas e às referências que as instituições têm na área.

#### **Vivências no momento de entrada da criança na Creche e dificuldades sentidas neste processo de transição/separação**

- A maioria dos pais mostra-se satisfeita com o acolhimento no momento da entrada na Creche, realçando como dimensões fundamentais para esta satisfação: o interesse por parte da educadora em conhecer a criança, a criação de laços afetivos com os cuidadores, as atitudes de aconchego, segurança e proteção e ainda a abertura das educadoras para esclarecer dúvidas.

- São descritos pelos pais vários sentimentos em relação ao momento de entrada dos seus (suas) filhos (filhas) na Creche: ansiedade, saudades e preocupação (centrada sobretudo no momento de separação, com desconforto com o choro na hora da despedida), sendo maioritariamente referido que estes sentimentos acabam por desaparecer ao longo dos primeiros dois meses. Os pais referem também a sua própria ansiedade de separação, sobretudo tratando-se do primeiro filho.

- A par destes sentimentos surge igualmente a segurança, tranquilidade e confiança nas educadoras. Todos os pais referem a confiança na instituição como a principal razão para não sentirem dificuldade em deixar aí os seus filhos.
  
- Apenas dois pais se mostram preocupados com o número de crianças por sala (no berçário) porque poderá dificultar a individualização dos cuidados. É ainda referido por um pai como aspeto negativo o fato de não ser a mesma pessoa a receber a criança todos os dias.
  
- Verifica-se que a rotina diária é algo que interessa muito aos pais, sendo a higiene, alimentação e sono as suas principais preocupações. Não surge entretanto a preocupação com a adaptação da creche e das educadoras em relação às rotinas singulares do bebé ou às rotinas que o bebé já traz.

### **Comportamentos manifestados pelas crianças ao longo do processo de adaptação à Creche**

- Alguns pais expressaram a ideia de que “as crianças do berçário são muito pequenas e ainda não sentem nem têm noção das situações”, outros notaram que houve frequentemente choro quer nas despedidas quer ao longo do dia, uma maior necessidade da mãe e medo de sair do colo. Outra manifestação foi a de necessitarem mais da presença do adulto.
  
- Os pais sublinham, na sua grande maioria, que a adaptação foi boa e tranquila e mostram-se satisfeitos com a aquisição de rotinas (alimentação, higiene e sono) que possibilitou a sua continuidade em casa.

### **Modos de organização e estratégias de integração implementadas na Creche.**

- Na quase totalidade das respostas não surgem sentimentos negativos, menos positivos ou de desagrado com respeito à forma como foi preparado o momento de entrada das

crianças na Creche (linhas deixadas em branco) e também não foram apresentadas sugestões de procedimentos ou práticas para além das que a instituição oferece (linhas em branco). Apenas dois pais salientam a importância de haver menos crianças por sala e de que seja a educadora que vai estar com a criança a realizar a entrevista e o primeiro contacto. Não possuímos entretanto dados para perceber se esta última observação se deveu a casos isolados ou se não é prática da instituição que a educadora que está com as crianças nas salas de berçário e de um ano seja a que acolhe os pais nestes momentos iniciais.

- Os pais consideram importante a realização de entrevistas, de modo a que as educadoras conheçam as crianças e as suas necessidades.

- Em relação ao que se passa no interior das salas e às atividades que são desenvolvidas na Creche, embora minoritário, há um número considerável de pais, que não têm conhecimento das práticas desenvolvidas. A informação é transmitida aos pais através das educadoras responsáveis das salas e respetivas ajudantes de ação educativa. Como via de informação surgem: a exposição dos trabalhos realizados, a informação a respeito da planificação semanal, as conversas presenciais com a educadora no final dos períodos e, pessoalmente, no fim do dia, os recados por escrito, assim como através de mail.

- No que respeita à participação dos pais na vida da Creche são referidos o dia especial para os pais, os aniversários e “outras situações”, sem especificarem quais.

- No que toca ao acompanhamento pelos pais nos primeiros tempos da integração da criança, as respostas ficaram pelo “sim”.

#### **2.6.2. Entrevistas às educadoras de infância:**

##### **Vivências no momento de entrada da criança na Creche e dificuldades sentidas neste processo de transição/separação**

- Para a totalidade das educadoras o momento de entrada na Creche necessita de grande atenção e individualização, estando presente a atenção que as equipas educativas referem dar a este momento de transição na vida da criança.



- Quanto ao que poderá dificultar a transição, são referidas sobretudo as angústias que os pais transmitem às crianças, que é essencial que os pais sejam sinceros em relação aos problemas que os bebés possam ter, que omitir seja o que for pode ser muito preocupante pois pode comprometer todo o trabalho desenvolvido no início do ano.

- As educadoras das salas de um ano referem que o número de crianças por sala dificulta um acompanhamento imediato e individualizado às crianças. A preocupação com o número de crianças por sala não surge entretanto nas educadoras das salas de berçário. As educadoras das salas de berçário, embora considerem que é sempre necessária uma maior individualização, são de opinião que nos berçários as crianças não são muitas.

- É destacada pelas educadoras a vantagem de conhecerem bem o seu trabalho pois permite demonstrarem aos pais segurança para que estes fiquem tranquilos nas horas de despedida. Sublinham que a transmissão de segurança e a confiança é a base para tranquilizar os pais no momento das despedidas, assim como de uma integração bem-sucedida. Referem e que este sentimento só é concretizado através de uma abertura da equipa e da própria instituição, colocando os pais a par de tudo o que acontece com a criança ao longo do dia.

- A totalidade das educadoras diz não sentir dificuldades pessoais para lidar com este momento de transição e não sentir necessidade de mais formação para o acompanhamento dos pais e das crianças, considerando que é a própria experiência que lhes potencia a aquisição de novas estratégias que possibilitam a diminuição das inquietações dos pais e dos medos das crianças.

### **Comportamentos manifestados pelas crianças ao longo do processo de adaptação à Creche**

- As educadoras referem que cada criança tem a sua especificidade e reage de maneira diferenciada à mesma situação.

- As educadoras referem que o momento em que a criança começa a frequentar a Creche é um momento de grande tensão para os pais, sobretudo devido à inquietude das crianças nos primeiros dias.
- Algumas educadoras expressaram a ideia de que no berçário os bebés não sentem, e não têm a noção desta mudança, enquanto na sala de um ano “já sabem ao que vêm”, considerando mais difícil à criança a partir do ano esta transição.
- Os comportamentos referidos são sobretudo o choro na hora da despedida que é entretanto associado à ansiedade dos pais.

### **Modos de organização e estratégias de integração implementadas na Creche**

As entrevistadas apresentam as seguintes estratégias para facilitar a adaptação do bebé ou criança pequena neste novo espaço:

- As entrevistas iniciais com os pais a fim de conhecerem as preferências da criança, as suas rotinas e os seus objetos preferidos, traçar um plano individual e possibilitarem aos pais o conhecimento das rotinas da Creche assim como o esclarecimento de dúvidas.
- Um tratamento individual a cada criança. Há contudo uma grande dificuldade em explicar em que consiste esta individualização, não descrevendo estratégias para a implementar.
- As educadoras descrevem como fatores que poderão facilitar ou dificultar o processo de transição e entrada na Creche: a segurança transmitida pelos pais, a empatia criada com a educadora e a instituição, os objetos de apego e uma adaptação gradual.
- No que se refere à adaptação gradual se é unânime a ideia de que nos primeiros dias é importante solicitar aos pais que vão deixando a criança aos poucos, no que se refere à permanência dos pais na sala nos primeiros dias ou nos subsequentes, parece igualmente

consensual tanto por parte das educadoras do berçário como da sala do primeiro ano que, a existir, deva ocorrer apenas no primeiro dia pois “pode confundir a criança”.

- As educadoras de infância consideram uma boa relação creche-família como fundamental para responder às inquietações sentidas pelos pais. Referem que no berçário os pais se encontram muito reticentes e fazem muitas perguntas e que incentivar os pais a verem com os próprios olhos é importante, pelo que são convidados a irem durante um dia participar na sala.

- As educadoras disponibilizam ainda aos pais textos de psicólogos e pediatras sobre os momentos de adaptação das crianças o que pensam que pode contribuir para a sua tranquilidade emocional.

- Referem ainda o cuidado de preparar o ambiente educativo com vista à promoção do bem-estar nos bebés ou criança pequena, privilegiando áreas de conforto e momentos de afetividade que podem influenciar positivamente a adaptação do bebé à Creche. Não especificam o que pode facilitar o bem-estar nos bebés e o que entendem por áreas de conforto e afeto.

- No que se refere ao que “gostariam que fosse possível a instituição fazer/oferecer para tornar este momento um bom momento” a generalidade das educadoras refere que as instituições não têm nada a melhorar pois lhes parece estar tudo bem, referindo algumas que é a tutela da segurança social que deveria ter em consideração o número de crianças por sala.

## **2.7. Contributos para a discussão dos resultados**

Os testemunhos das educadoras nas entrevistas e as vivências dos pais descritas nos inquéritos permitiram reunir um leque de informações que possibilitaram a compreensão do modo como pais, educadores e instituições preparam o momento de entrada da criança na Creche e as estratégias que adotam.

Os dados obtidos no nosso estudo demonstram o reconhecimento por todos os inquiridos (pais e educadores) da relevância dos cuidados prestados às crianças quando elas se separam da família pela primeira vez com vista a uma boa adaptação à Creche. É visível que os pais se relacionam positivamente com as educadoras e percebem a natureza do seu trabalho e, por outro lado, que as educadoras reconhecem que são uma base segura e que ela potencia nos pais uma maior aceitação dos processos de adaptação.

Através dos dados recolhidos percebemos que o momento da entrada na Creche para além de ser uma situação de separação e de reencontro que pode causar insegurança nas crianças e nos pais, é influenciado pela forma como a instituição e as pessoas que a integram apoiam esta transição. É visível a abertura das equipas educativas em relação ao modo do acolhimento, a sua dedicação e preocupação com o momento de adaptação.

Tanto as educadoras de infância como os pais referem que as necessidades da criança pequena enquanto se encontra em fase de adaptação à Creche são o mimo, amor e conforto. Destacam que nos momentos de acolhimento é necessário que a criança seja recebida individualmente. Verifica-se contudo nos discursos de ambos uma dificuldade em descrever como se processa esse “acolhimento” sublinhando apenas o termo geral “individualização”.

Através dos dados das entrevistas das educadoras e dos inquéritos aos pais concluímos que a forma como os pais reagem, no geral, a esta situação de separação e adaptação à Creche pode influenciar as reações da criança. Weikart & Hohmann (2011) também afirmam que é indispensável reconhecer os sentimentos das crianças e dos pais acerca da separação e do reencontro e que a separação e o reencontro podem ser difíceis tanto para as crianças como para os pais. De acordo com estes autores, dado o potencial ansiedade familiar no início e no final do dia é importante que os educadores abordem de forma calma e otimista estes momentos. Os comportamentos das crianças são muito semelhantes, verifica-se nos momentos de acolhimento a reação de choro quando vêm

os pais a abandonar a Creche e manifestam angústia de separação, comportamentos que se atenuam com a segurança que o educador traz à criança e à família.

Percebemos também que são predominantemente as mães a levar a criança à Creche e que são também as mães que sentem maior dificuldade na separação com o bebê e neste processo de adaptação. Estes dados são confirmados pelas educadoras que assinalam que a dificuldade de separação existe tanto nas mães como nos pais, porém que são as mães que referem mais sentimentos de insegurança na criança, sobretudo o choro.

Verificámos igualmente na análise dos inquéritos que os pais que têm um único filho (a) se mostraram mais sensíveis à descrição dos acontecimentos vividos do que pais que têm mais do que um filho.

Indo ao encontro de Portugal (1998) que refere que o educador em Creche deve ter presente que é de extrema importância compreender cada criança, conhecendo o máximo possível as suas características e origens, as educadoras da nossa amostra utilizam como estratégia o acolhimento individualizado, o que para estas, mas igualmente para os pais, se mostra um aspeto bastante relevante.

Reconhecendo a delicadeza da separação entre a criança e a mãe, as educadoras de infância, assim como os pais, assinalam a importância do estabelecimento de laços de confiança, de um ambiente caloroso e seguro para que os pais sintam confiança em entregar os seus filhos. Todos os pais referem a confiança na instituição como a principal razão para não sentirem dificuldade em deixar aí os seus filhos. A presença de um educador calmo e sintonizado com as necessidades imediatas das crianças e das suas famílias, como referem diferentes autores, possibilita a tranquilidade e a confiança de ambos.

Para Cadart (2006) é necessário acolher todas as famílias e envolver os pais na vida da Creche. Envolver os pais, valorizar os pais nas suas habilidades, incentivá-los a tomar iniciativas e responsabilidades e considerar a sua participação, constituem benefícios importantes para todos.

A nossa amostra revela contudo que a participação dos pais na vida da Creche se reduz a alguns momentos, apreciados pelos pais, mas limitados (dia dos pais e aniversários), parecendo a comunicação creche-família centrada sobretudo na transmissão de informações sobre as rotinas.

No que se refere em particular aos momentos de entrada na Creche a nossa amostra mostra-se pouco sensível e até relutante face à entrada e permanência dos pais nas salas (à exceção do primeiro dia), considerando mesmo que podem “confundir a criança”. Ora muitos estudos revelam que esta permanência dos pais poderá, sobretudo no caso dos bebés, ajudar a tranquilizar e a ganhar confiança nas pessoas que vão surgir como figuras que vão substituir os pais na sua ausência e, igualmente, tranquilizar as angústias dos pais com respeito a deixarem os seus filhos.

As descontinuidades surgem para diferentes autores como um factor de risco emocional para o equilíbrio somático e psíquico do bebé. Como refere Gonçalves (2002) *“um bebé até aos doze meses é um ser extremamente dependente da mãe que lhe proporciona um contato físico próximo, respostas que tendem a reduzir o desconforto e a manter estados de calma e bem-estar. (...)”* (p.126).

Também segundo Spitz (1983) a mãe participa ativamente no aparecimento e no desenvolvimento da consciência do bebé, criando o que os teóricos designam por “clima emocional favorável”. A forma como os momentos de separação são vividos e elaborados parece decisivo para o bem-estar emocional do bebé e da criança pequena.

Bowlby (1960) descreve no bebé, desde o sexto mês, medos do desconhecido, de situações novas, por exemplo quando os adultos agem de modo diferente da pessoa cuidadora. A figura de vinculação representa a base de segurança para a exploração do mundo físico e social da criança. O facto da criança ter uma vinculação e afeição segura possibilita-lhe uma maior proteção, conseguindo, na ausência da mãe, encontrar no seu interior um consolo - objeto interiorizado - que contribui para a exploração criativa do mundo.

Silva (2011) citando Portugal (1998) refere que a partir do momento em que um bebé é confiado a alguém que não os pais, as suas interações se tornam mais limitadas, pois o bebé perde os seus pontos de referência, o que resulta em desorganização e angústia. Durante os primeiros dias de Creche os bebés exibem um período de protesto, chorando e agarrando-se aos pais, mas estes sinais acabam por desaparecer ao longo dos dois primeiros meses de permanência. O autor refere que é essencial dar valor às manifestações do bebé no momento das rotinas e acompanhar cada processo de adaptação através da comunicação com a mãe, tornando-se assim a criança mais apta a explorar os espaços e os objetos.

Preocupou-nos uma ideia que surge transversalmente ao discurso das educadoras, a de que os bebés sentiriam menos do que as crianças mais crescidas, pois que não teriam ainda a noção do que lhes está a acontecer. Em nosso entender esta opinião mostra desconhecimento pela compreensão da vida afetiva dos bebés e pelo que a separação das suas figuras cuidadoras neles desencadeia, assim como pelas formas que os bebés poderão encontrar para lhe fazer face. Como é referido em alguns estudos, algumas vezes o adormecimento e apatia são sinais que, não fazendo o ruído do choro, podem expressar um sofrimento da criança.

Um outro aspeto que nos surpreendeu foi o facto de os pais de bebés de berçário considerarem ser importante a entrada na Creche dos seus filhos para a “socialização, estar com outras crianças e a “disciplina”. Sabemos com efeito dos estudos sobre o desenvolvimento do bebé que nesta idade tão precoce as necessidades de desenvolvimento são a de uma relação próxima e tanto quanto possível exclusiva com adultos cuidadores, não sendo a “socialização com outras crianças” uma dimensão essencial e muito menos a disciplina. O que preocupará estes pais para que tão cedo solicitem aos seus bebés estas competências?

O facto de apenas dois pais se mostram preocupados com o número de crianças por sala (no berçário) parece-nos igualmente revelador de algum desconhecimento com respeito às necessidades dos bebés. Será que a tranquilidade que sentem em poder contar com uma instituição que os apoie é de molde a que não questionem o que encontram na instituição? Será este mesmo facto responsável por aceitarem que apenas

no primeiro dia a instituição permita que fiquem na sala? O desconhecimento das necessidades de uma adequação aos ritmos do bebé será responsável pelo facto de não surgir nos pais a preocupação com a adaptação da Creche e das educadoras às rotinas singulares dos seus bebés?

Se as respostas ao nosso inquérito revelaram uma importante confiança dos pais nas educadoras e nas instituições mostram-nos também que os pais parecem sentir-se pouco à vontade para tomarem voz no que aos seus filhos diz respeito. Como já foi referido, no que respeita à participação dos pais na vida da Creche, por exemplo, são apenas mencionados o dia especial para os pais os aniversários e “outras situações” não especificadas, o que não suscita entretanto nenhuma opinião crítica por parte dos pais.

Coutinho (2010) citando Alava & Palacios (2000) refere que *“é aos pais que diz respeito a parte fundamental da educação de uma criança, enquanto a Creche apoia esse trabalho, trabalhando assim em prol de objetivos comuns. Assim, deve ser sempre do conhecimento dos pais o desenvolvimento conseguido pela criança enquanto está entregue aos cuidados de outrem.”* (p.28). Brazelton & Sparrow (2004) também destacam que o trabalho em parceria entre Creche e família é fundamental para as conquistas diárias das crianças. É um processo que exige coerência de atitudes, comportamentos, exigências e expectativas. (Coutinho, 2010).

As educadoras parecem centrar sobretudo a sua atenção nas angústias que os pais transmitem às crianças assim como no choro nos momentos da despedida. Embora que refiram que este momento (a entrada na Creche) é muito importante na vida de um bebé e de uma criança pequena não ficou claro no nosso estudo que haja uma verdadeira compreensão do que se passa no interior da própria criança como desafio e também como eventual sofrimento que não é apenas uma consequência da atitude dos pais, mas inerente ao desenvolvimento da própria criança. A ideia de que não se pode dar muito mimo a um bebé pois que senão ele habitua-se é em nosso entender talvez reveladora de algum desconhecimento quanto às necessidades de uma criança de tão tenra idade.



Um outro aspeto, com o anterior relacionado, que nos leva a refletir, é o modo como as educadoras de infância acalmam os bebés nos berçários. Se há uma preocupação geral evidenciada por todas as educadoras com o bem-estar dos bebés, não são entretanto referidas nas entrevistas estratégias ou atitudes específicas para esta acalmia. As respostas dadas confirmam a observação que tive oportunidade de fazer em contexto de estágio e que me questionou bastante, mais concretamente, o facto de o contacto corporal não merecer a atenção que todos os autores lhe atribuem. Todos os estudos de desenvolvimento e muito em particular os estudos sobre a vinculação referem que para além das necessidades básicas (alimento) os bebés têm necessidades de comunicação e contacto corporal estreito, regular e continuado. Como refere Harlow (1958) *“uma função da verdadeira mãe, quer seja humana ou não humana, e presumivelmente do modelo maternal, é providenciar um clima de segurança à criança, nos momentos de perigo e de medo. (...)”* (p.88). Concluiu das investigações que existe uma necessidade inata de afeto, carinho e de uma base afetiva estável, muito mais do que apenas necessidades de alimentação. O colo, além do toque, da voz e do olhar afetivo do cuidador, transmite segurança e tranquilidade à criança. É ainda um estímulo para o desenvolvimento dos sentidos do bebé e da integração somática e psicológica. Quando a criança chora está a pedir aconchego e apaziguamento desta sua angústia. Ora muitas das vezes, em contextos de estágio, ouvi dizer às educadoras que quando um bebé ou criança pequena chora muito, não se deve criar hábitos de colo, pois pode-se criar hábitos que deixam as crianças “mal habituadas”. Como refere Gonçalves (2002) *“um bebé até aos doze meses é um ser extremamente dependente da mãe que lhe proporciona um contato físico próximo, respostas que tendem a reduzir o desconforto e a manter estados de acalmia e bem-estar e experiências que favorecem aprendizagens relacionadas com os limites do corpo e com o reconhecimento do outro.”* (p.126).

O gesto de “pegar” e “dar colo” não se encontra na verdade presente nos discursos das educadoras de infância de forma a acalmar os bebés nos seus momentos de inquietude.

Também o facto de as educadoras de infância referirem que o número de bebés por sala não lhes causa particular preocupação (contrariamente as educadoras das salas de um ano) merece-nos algum questionamento, dado que sabemos como nesta idade os bebés necessitam, como referido em todos os estudos, de um contacto tão próximo,

continuado e sintonizado com os seus períodos de atenção e comunicação durante os quais é essencial que a pessoa cuidadora esteja por perto para dar continuidade a esta interacção e expandi-la.

Silva (2011) citando Portugal (1998) refere que a partir do momento em que um bebé é confiado a alguém que não os pais, as suas interações se tornam mais limitadas, pois o bebé perde os seus pontos de referência, o que resulta em desorganização e angústia. O autor refere que é essencial dar valor às manifestações do bebé no momento das rotinas e acompanhar cada processo de adaptação através da comunicação com a mãe, tornando-se assim a criança mais apta a explorar os espaços e os objetos.

Será essa necessidade respondida com o número de bebés existente em cada sala de berçário? Bastarão os momentos das rotinas para assegurar as necessidades do bebé?

É tal como refere, Harlow (1958) os recém-nascidos estabelecem ligações afetivas com qualquer cuidador compatível que seja sensível e receptivo às interações sociais realizadas. A primeira linguagem vocal de um bebé é naturalmente o choro. Quanto maior for o contacto físico entre a mãe/cuidador e o bebé menor será a probabilidade do bebé chorar, transmitindo ao bebé um sentimento de segurança. Deste modo, verifica-se que o “dar colo” não é uma estratégia experimentada nas Creches e segundo os autores, merece grande destaque para a segurança e tranquilidade dos bebés ou criança pequena.

A referência por parte das educadoras à importância de reduzir o número de crianças por sala (nas salas de um ano) mostra entretanto a preocupação com a individualização dos cuidados, tal como estipulado no Despacho Normativo nº 99/89 de 27 de Outubro de 1989<sup>15</sup> Norma VI “a) *Cada grupo de crianças de idades compreendidas entre a aquisição da marcha e os 24 meses deverá dispor de uma sala com capacidade máxima de 10 crianças; b) Cada grupo de crianças de idades*

---

<sup>15</sup> DR 248/89 – Série I Emitido por Ministério do Emprego e da Segurança Social. Normas Reguladoras das Condições de Instalação e Funcionamento das Creches.

*compreendidas entre os 24 e os 36 meses deverá dispor de uma sala com capacidade máxima de 15 crianças.”*

A atribuição de responsabilidade à Segurança Social pelo facto de não se verificar deixa-nos contudo diante da pergunta de qual o papel e a responsabilidade das instituições na não observância do Despacho.

A preocupação com as rotinas é sem margem para dúvidas uma preocupação maior dos educadores, considerando que traz segurança às crianças. Também os pais se mostram preocupados e mesmo satisfeitos por a Creche permitir a criação de novas rotinas de que as famílias beneficiam em casa. Não nos passou despercebido contudo o facto de, embora com um discurso que mostra a par e passo a preocupação com a individualização dos cuidados, tanto no berçário, como na sala de um ano, existir uma tendência à criação muito precoce de rotinas uniformizadas, apesar de nas entrevistas iniciais haver o pedido de informação sobre as rotinas de cada criança. Com efeito, se as educadoras referem que as rotinas nas salas do berçário e das salas de um ano vão ao encontro das necessidades das crianças, destacam logo de seguida que “as rotinas praticadas em casa são tidas em conta e gradualmente vão sendo inseridas as rotinas do grupo”. Não ficando o sentido desta “interação”. Como refere Portugal (1998) o facto de o educador estar individualmente com cada criança possibilita conhecê-la melhor, focar-se nos traços da sua personalidade e nas suas necessidades.

Mereceu também o nosso interesse a referência das educadoras ao “Objeto Transicional” indo ao encontro da Teoria de Winnicott. Winnicott (1975) um ursinho de peluche ou um paninho tem um papel na elaboração dos sentimentos de perda, quando o bebé tem de se separar da mãe (p.128) e que os objetos de apego são facilitadores dos processos de adaptação das crianças.

As educadoras fazem poucas referências à importância da formação para o acompanhamento dos pais e consideram que é a própria experiência que lhes potencia a aquisição de novas estratégias que possibilitem a diminuição das inquietações dos pais e dos medos das crianças. Diante das questões importantes que esta adaptação traz a todos os intervenientes no processo – crianças, pais, educadores – não podemos deixar de nos questionar se o facto de não haver reconhecimento de dificuldades e necessidades de

formação não revelará uma certa resistência à aprendizagem, à inovação e à reflexão sobre as próprias práticas.

O nosso estudo assinalou sobretudo a “satisfação” tanto por parte dos pais como das educadoras. Verificámos que os sentimentos de menor agrado ou propostas de introdução de práticas novas não assumem grande relevância. O lugar para disso falar é deixado em branco pelos pais e as educadoras mostram-se satisfeitas com a forma como elas próprias e as instituições pensam e integram esta transição nas suas práticas. No decorrer da análise dos dados, verificámos que a maioria dos pais não respondeu a esta questão. Seria sem dúvida um importante contributo para o estudo e para a nossa reflexão.

Estará mesmo tudo bem? e estando tudo bem, não haverá ainda lugar para novas propostas? A revisão da Bibliográfica sobre o tema deu-nos com efeito a conhecer muitas outras formas de fazer a integração das crianças e das famílias na Creche.

Naturalmente, a nossa amostra é pequena. Não sabemos se o que encontrámos corresponde ao que é praticado no universo das Creches. Este estudo levanta contudo algumas questões, a nosso ver, pertinentes que merecem mais tarde ser estudadas nesse maior universo.

Quanto aos bebés... não pudemos ouvi-los nem observá-los...

Teriam sem dúvida uma palavra a dizer, talvez a mais importante.

## **2.8. Considerações finais**

Este estudo, nomeadamente a investigação bibliográfica que ele me possibilitou, veio enriquecer os meus conhecimentos sobre este importante momento na vida da criança e da família, confirmando que a entrada na Creche é um processo delicado para as crianças e para os pais, vivido com sentimentos complexos e ambivalentes e que a chave de uma boa integração reside na criação de um laço de confiança entre as figuras parentais e os educadores de infância assim como na criação de climas calorosos e respeitadores dos ritmos de cada bebé e criança.

Considero que os instrumentos escolhidos para o estudo possibilitaram uma recolha importante de informação. As entrevistas realizadas às educadoras permitiram aprofundar o conhecimento das estratégias de preparação para o momento de entrada na Creche e as respostas dadas às inquietações manifestadas pelos pais. Poderia contudo ter explorado melhor a entrevista, solicitando uma maior explicitação de como são realizadas as estratégias de acolhimento e integração, nomeadamente a individualização.

As respostas muito sintéticas (e mesmo muitas ausências de resposta) dos pais no preenchimento do inquérito por questionário (alguns deram respostas ao lado, não nos deixando claro se a questão foi compreendida) e as incongruências (com respeito às práticas de integração e de acolhimento) fazem supor que seria preferível a entrevista presencial. Poderíamos através da entrevista presencial obter uma noção mais fidedigna das expectativas dos pais e esclarecer as práticas educativas efetivamente concretizadas nas Creches.

O nosso estudo focou-se numa amostra limitada de sujeitos e instituições pelo que os seus resultados são apenas indicadores e um estímulo para futuros estudos com uma amostra mais ampla de educadores, instituições e pais. Também nos parece importante uma observação no terreno que nos permita confirmar as práticas que os educadores implementam assim como observar o bem-estar e satisfação das crianças, os seus momentos de ansiedade e as respostas que encontram.

### **Parte III – Reflexão Final**

O presente documento é o finalizar de um percurso ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Neste percurso construí conhecimentos e saberes que serão fundamentais à minha prática como futura profissional. No decorrer das experiências vivenciadas adquiri competências, atitudes e saberes, práticos e teóricos, que me proporcionaram momentos importantes de reflexão e de aprendizagem. Tive a possibilidade de conhecer diferentes contextos, de observar e de aprender com a prática de educadoras de infância com bastante experiência e que se ofereceram, desde o primeiro dia, para me apoiar, partilhar e ensinar.

Creio que a minha integração nas comunidades educativas foi bem conseguida. Disponibilizei-me desde o primeiro dia a colaborar em todas as tarefas, sentindo um clima de confiança recíproca nas equipas em que estagiei. As minhas intervenções decorreram de forma a respeitar o ritmo individual de cada criança para que, nos tempos em grande grupo, pudessem expressar os seus interesses e curiosidades. Ao nível da minha observação e intervenção, as práticas realizadas foram delineadas com o objetivo de ir ao encontro das necessidades físicas, afetivas e cognitivas da criança, nomeadamente no que diz respeito à sua segurança física, afetiva, alimentação, cuidados de higiene e conforto, estimulação sensoriomotora, social e atividades lúdicas.

No contexto de sala, onde ocorrem a maior parte das interações, pretendi sobretudo criar o bem-estar e o envolvimento das crianças. Percebi como o seu desenvolvimento e as suas aprendizagens são estimuladas fundamentalmente através das interações com adultos na construção de laços de vinculação, de jogos de grupo, das ações com objetos e vocabulário novo, da resolução de problemas diários, da exploração sensoriomotora do espaço e dos materiais e do seu envolvimento em contextos de aprendizagem significativos.

Considero que as competências de rotina são as competências que domino melhor. Desde as primeiras semanas que me consegui adaptar aos contextos e às orientações que promovem a continuidade dos cuidados, bem como às dinâmicas das educadoras de infância no domínio das relações que se estabelecem com as crianças.

Procurei desde os primeiros dias criar empatia com os grupos de crianças e compreender as rotinas de forma a construir conhecimentos sobre o modo como as equipas educativas são, como agem e como respondem a determinadas situações. Fui sentindo, à medida que os estágios decorriam, uma crescente sensibilização para o ato de refletir sobre o modo de aprender das crianças de Creche e Pré-Escolar. Reconheci o quanto é importante o reconhecimento de cada momento na vida da criança e que é essencial dar respostas de acordo com o seu ritmo individual, interesses e experiências. Centrei-me sobretudo nesta questão: interpretar as ações à luz da familiarização das interações com as crianças para poder planificar e apoiar as aprendizagens.

A relação que estabeleci com os grupos de crianças foi de empatia e confiança. Penso que elas me viam como um adulto em quem podiam confiar, que lhes transmitia segurança, conforto, respondendo às suas necessidades e que interagia com elas, de modo a envolvê-las na exploração do meio que as envolve. Procurei em todos os momentos, quer nas atividades dirigidas pela educadora cooperante, quer nas desenvolvidas por mim e pelas minhas colegas, envolver-me naquilo que a criança faz e necessita, intervindo com intencionalidade educativa, de forma a desenvolver conforto, curiosidade, mobilidade, autonomia.

Surgiram momentos em que observei os comportamentos das crianças, como nas refeições, cuidados pessoais, sesta, brincadeira livre e tempo de grande grupo. As estratégias de observação ajudaram-me sobretudo a reconstruir novos registos para decidir o que poderia fazer e refazer a partir dessas observações. Verifiquei que é importante a criança estar envolvida na atividade e seguramente sentir bem-estar emocional para a realização da mesma, tendo o educador um papel fundamental na transmissão desse objetivo.

Salientaria ainda o facto de ser da prática que emergiu a problemática trabalhada na componente investigativa. O estudo realizado possibilitou-me importantes pesquisas, conhecimento de autores e uma maior compreensão de uma temática que envolve o momento de preparação da entrada do bebé e da criança pequena num novo contexto, a Creche, uma fase da vida que tanto contribui para o desenvolvimento do bebé e para que seja mantida a qualidade da interação pais-bebé.

Indo ao encontro de Portugal (1998) o educador em Creche deve ter presente que é de extrema importância compreender cada criança, conhecendo o máximo possível as suas características e origens. Reconhecendo a importância e a delicadeza da separação entre a criança e a mãe, os educadores devem proporcionar um ambiente caloroso, seguro e interessante para que os pais sintam confiança em entregar os seus filhos. A presença de um educador calmo e sintonizado com as necessidades imediatas das crianças e das suas famílias, possibilita a tranquilidade e a confiança de ambos.

Tendo a noção que muitas foram as questões que ficaram por responder e certamente sem o necessário aprofundamento, considero porém ter ampliado o conhecimento do tema escolhido e sinto-me mais fortalecida enquanto aprendiz e enquanto futura educadora que continuará sempre a aprender. Considero-me uma pessoa inquieta em relação à minha formação e sei que tenho um longo caminho a percorrer e que ao longo da prática profissional de um educador existem sempre novos estímulos que proporcionam novos estudos e desafios.



## Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. (1996). *Ser professor reflexivo, in Formação reflexiva de professores – Estratégias de Supe Dgied, (SD)*. Educadores de infância. Retirado de <http://www.dgidec.min-edu.pt/educacaoinfancia/index.php?s=directorio&pid=3>. Acedido a 12 de dezembro de 2014.
- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta.
- Bento, A. (2012). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade?. *Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira)*, nº 64, ano VII (pp. 40-43). ISSN: 1647-8975.
- Benelli, S. Sagawa, R. (2000). *Observação da relação mãe-bebê pertencentes à classe trabalhadora durante o primeiro ano de vida*. Retirado de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2000000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2000000300003&script=sci_arttext). Acedido em 25 de maio de 2015.
- Bleichmar, N. & Bleichmar, C. (1992). *A Psicanálise Depois de Freud*: Artmed Editora.
- Brazelton, T.; Cramer, B. (2002). *As primeiras relações*. 2ºed. São Paulo: Martins Fontes.
- Cardona, M. et al. (2010). *Guião de Educação Género e Cidadania Pré-Escolar*. Lisboa: CIG.
- Correia, S. & Dias, I. (2012). *Processos de aprendizagem dos 0 aos 3 anos: do sócio-construtivismo*. *Revista Ibero-americana de Educação*. n.º 60/1.
- Coutinho, S. (2010). *A Adaptação em Creche*. Mestrado em Ciências da Educação. Faro: Universidade do Algarve.
- Despacho Normativo nº 99/89 de 27 de Outubro de 1989, Ministério do Emprego e da Segurança Social
- Retirado de <http://www.iapmei.pt/iapmei-leg-03.php?lei=2264> Acedido em 9 de junho de 2015.
- Duarte, J. (2004). *Pedagogia diferenciada para uma aprendizagem eficaz. Contra o pessimismo pedagógico, uma reflexão sobre duas obras de referência*. *Revista Lusófona de Educação*, 33-50.
- Fernandes, M. (2013). *Experimentações, explorações e descobertas sobre o mundo físico*. Universidade do Minho Instituto de Educação: Braga.

Formosinho, *et al.* (1996). *A Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Texto Editora.

Gane, H. *et al.* *Les Premiers Pas Vers L'autre ou comment l'altérité vient aux bébés*. (2003). Sous la direction de Jean-Louis Le Runn et Bernard Golse avec. France: Éditions Érès.

Garcia. A. (2013). *Entrada na Creche: como reagem os pais à adaptação das crianças*.

Retirado de

<http://www.associacaoeracoes.com/noticia.aspx?ID=90%20178%20191%20150%20165%2095%2043%20218%20207%2011%2042%20112%20186%20233%20115%20121> Acedido em 22 de dezembro de 2014.

Gesel, A. (1979). *A criança dos 0 aos 5 anos. O bebé e a criança na cultura dos nossos dias*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Guidetti, M. & Tourrette, C. (2002). *Introdução à Psicologia do Desenvolvimento do Nascimento à Adolescência*. Brasil: Editora Vozes.

Golse, B. (2006). *O ser-bebé*. Lisboa: Climepsi Editores.

Golse, B. (1998). *O Desenvolvimento Afetivo e Intelectual da Criança*. 3ª edição. Porto Alegre. Editora: ArtMed.

Gurcel, K. (2011). *A relação mãe-bebé e a adaptação a um berçário: suas influências mútuas*. Universidade de Brasília, Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura: Brasília.

Hohmann & Weikart. (2011). *Educar a Criança*. 6ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Kamii, C. (2003). *A Teoria de Piaget e a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Leach, P. (1983). *Crescimento do seu Filho*. Portugal: Círculo de Leitores.

Lima, A. (2008). *A Importância da Educação Infantil*. Retirado de <http://miangelasantos.blogspot.pt/p/educacao-infantil.html>. Acedido a 18 de dezembro de 2014.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica-Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2010). *Metas de Aprendizagem*. Lisboa: Departamento da Educação Básica-Ministério da Educação.

Oliveira, M. (2009). *Projeto educativo a partir da Creche*. Santarém: UDIPSS.

- Otta, E. et al. (1992). *Sorriso em Bebés: Reação à Face Humana e a Vários Tipos de Degradações deste Estímulo*. Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. II(2): São Paulo.
- Pestana, D. (2012). *Experiência Transicional na Creche e no Jardim-de-Infância*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva, Lisboa.
- Rizzo, G. (2006). *Creche: Organização, Currículo, Montagem e Funcionamento*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches*. Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche. Porto: Porto Editora.
- Rufo, M. (2007). *Soltem-me e Separamo-nos para Crescer*. Lisboa: Ambar.
- Ramos, F. & Silvério, I. (2002). *Projecto de Prevenção em Saúde Mental Infantil. Transições – da 1ª Infância à Adolescência*. Actas do 2º. Encontro do Centro Doutor João dos Santos. Actas do 1º. Encontro do Centro Doutor João dos Santos. Lisboa: Centro Doutor João dos Santos-Casa da Praia.
- Rapoport, A. & Piccinini, C. (2001). *O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos*. Rio Grande do Sul: Psicologia: Reflexão e Crítica.
- Rapoport, A. & Piccinini, C. (2004). *A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena*. Rio Grande do Sul: Estudos de Psicologia.
- Sá, T. (2010). *O Processo de Desenvolvimento*. Santarém: Escola Superior de Educação de Santarém.
- Silva, R. (2011). *Separação da Família e Adaptação à Creche dos 0-12 meses*. Beja: Instituto Politécnico de Beja.
- Spitz, R. (1983). *O Primeiro Ano de Vida*. São Paulo: Psicologia Pedagogia.
- Spodek e Naracho (1998). *Ensinando crianças dos 3 aos 8*. Porto Alegre: Artmed.
- Soussan, P. (2010). *Le livre noir de l'accueil de la petite enfance*. ERES.
- Tafari, M. & Januário, L. (2011). *A relação transferencial para além da interpretação: reflexões a partir da teoria de Winnicott*. Retirado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982011000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982011000200007). Acedido a 20 de maio de 2015. Acedido em 20 de maio de 2015.

Tavares, J. & Alarcão, I. (1990). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Veríssimo, R. Fonseca, S. (2003). *O cuidado da criança segundo trabalhadoras de creches*. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. (Vol.11): p.28-35.

Weikart,D. & Hohmann,M. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 6ªEdição.

Weikart,D. & Hohmann,M. (2011). *Educação de bebés em infantários. Cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Winnicott, W. (1971). *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro : Imago.

# Anexos

**Anexo 1 – Atividades do projeto de intervenção em Creche “*Mexe mexe com razão*”**



**Ilustração 1** – Exploração com espuma de barbear no espelho.



**Ilustração 2:** Pintura livre de um painel com o auxílio de pincel.





**Ilustração 3:** Pintura livre de um painel com o auxílio às esponjas de banho.



**Ilustração: 4** Exploração e pintura com berlindes.



**Ilustração 5:** Exploração de diferentes materiais “caixa sensorial” (papel de alumínio, algodão, tecidos, entre outros).



**Ilustração 6:** Exploração dos balões e sacos multissensoriais.





**Ilustração 7:** Preparação das bolachas de manteiga.



**Ilustração 8:** Exploração da massa com corante alimentar.

**Anexo 2- Grelha de observação****Grelha de Avaliação Individual**

✓ **Registrar com X cada categoria.**

**1. Motricidade Global – Locomoção**

	Anda sozinho
	Senta-se sozinho numa cadeira pequena
	Apanha objetos do chão
	Corre com precaução sem rodear objetos
	Puxa e empurra brinquedos grandes, pelo chão
Observações:	

**2. Visão – Manipulação**

	Constrói torres de 2/3 elementos
	Aponta para a imagem com o dedo indicador
	Faz rabiscos mostrando preferência por uma das mãos
	Olha os livros e volta várias páginas de cada vez
	Apreende e larga objetos com facilidade
Observações:	

**3. Audição – Linguagem**

	Compreende ordens simples
	Diz algumas palavras compreensíveis
	Compreende um leque alargado de palavras
	Tenta cantar
	Obedece a instruções simples
	Identifica partes do corpo e peças de vestuário
Observações:	

**4. Comportamento Social**

	Imita um modelo, durante e depois
	Utiliza o copo e a colher
	Manifesta vontades
Observações:	

**Anexo 3 - Atividades do projeto de intervenção em Pré-Escolar “Crescer, sabendo viver.”**



**Ilustração 9:** Observação da experiência “Será que as flores bebem?”



**Ilustração 10:** Visita ao Mercado Municipal de Santarém “As profissões”.





**Ilustração 11:** Conhecimento do interior e exterior do corpo humano.



**Ilustração 12:** Dramatização da história “*Família Valentim*”.



**Ilustração 13:** Ateliês do Dia da Família.



**Ilustração 14:** Sessão de psicomotricidade.



**Ilustração 15:** Experiência “*Vamos testar a capacidade pulmonar*”.

**Anexo 4 - Carta de Apresentação às Educadoras de Infância e Guião de Entrevista**



**CARTA DE APRESENTAÇÃO ÀS EDUCADORAS DE INFÂNCIA**

*Ex<sup>a</sup> Senhora Educadora,*

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém encontro-me a realizar um trabalho de Investigação sobre **A Entrada da Criança na Creche**, sob orientação da Professora Maria Teresa Sá.

Sendo a entrada na Creche uma importante transição na vida da criança e da família, pretendemos com este estudo compreender de que forma os educadores, figuras centrais neste processo, vivenciam essa transição no dia-a-dia da Creche.

Agradecia-lhe a sua disponibilidade, em horário que mais lhe convier, para uma breve entrevista, que tem como principal objetivo conhecer as perceções dos profissionais da educação, as suas ideias e as suas práticas, bem como identificar algumas das estratégias utilizadas com vista à integração e ao bem-estar da criança e da sua família.

Grata pela disponibilidade colaboração.

Mariana Nogueira Valério

---



## **GUIÃO DE ENTREVISTA COM AS EDUCADORAS DE INFÂNCIA**

- 1- Tendo em conta a sua experiência profissional como caracteriza o momento de entrada da criança na Creche? (vantagens, dificuldades, vulnerabilidades)
- 2- Como Educadora, qual a sua maior preocupação quanto à integração das crianças na Creche?
- 3- Quais as estratégias que utiliza na preparação para a entrada da criança na Creche? Reuniões? Entrevistas com os pais e a criança? Visita à creche? Acompanhamento pelos pais nos primeiros dias? Outros?
- 4- As rotinas são adaptadas para as crianças que se encontram em fase de adaptação?
- 5- É tido em conta o ritmo da cada criança, os seus hábitos e os da família em no processo de adaptação?
- 6- Em sua opinião quais os fatores que poderão facilitar e/ou dificultar este momento de transição?
- 7- Um grupo com elevado número de crianças leva a que a adaptação seja mais difícil?
- 8- Considera a separação/adaptação mais difícil para a mãe ou para o pai?
- 9- Como reage com os pais mais ansiosos e inseguros?  
Que tipo de estratégias utiliza?  
De que forma aconselha e responde às inquietações sentidas pelos pais?

- 10- Pensa que o período de separação da criança e posterior adaptação poderá ser importante no desenvolvimento harmonioso do bebê e suas interações? Porquê?
  
- 11- Sente falta de maior formação para lidar com a temática da separação e adaptação das crianças à entrada na Creche?
  
- 12- O que gostaria que fosse possível a Instituição fazer/oferecer para tornar este momento um bom momento?



**Anexo 5 - Carta de Apresentação e Inquérito aos Encarregados de Educação**

**CARTA DE APRESENTAÇÃO AOS ENCARREGADOS (AS) DE EDUCAÇÃO**

**“OLHARES SOBRE A ENTRADA DA CRIANÇA NA CRECHE”**

*Ex<sup>o</sup>a Encarregado (a) de Educação*

*No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém encontro-me a realizar um trabalho de Investigação sobre **A Entrada da Criança na Creche**, sob orientação da Professora Maria Teresa Sá.*

*Sendo a entrada na Creche um importante momento de transição na vida da criança e da sua família, pretendemos compreender de que forma os pais vivem esse momento, quais as suas expectativas e inquietações e o que pensam da forma como esta entrada se processa/processou.*

*A sua colaboração no preenchimento deste inquérito será um importante contributo para o nosso estudo e uma mais-valia para um acompanhamento de qualidade a todas as crianças.*

***O inquérito é anónimo e as respostas estritamente confidenciais.***

*Agradecemos que a sua entrega seja feita em envelope fechado (envelope que juntamos) até ao dia 10 de Abril. Poderá entregá-lo à educadora do seu filho (da sua filha). Os envelopes serão recolhidos ao longo das próximas semanas.*

*Muito Obrigada.*

*Mariana Nogueira Valério*

---

***Para qualquer esclarecimento ou informação adicional poderá contactar-me através do telefone: 919732131 ou [nogueiravalerio@gmail.com](mailto:nogueiravalerio@gmail.com)***

---

## INQUÉRITO AOS ENCARREGADOS (AS) DE EDUCAÇÃO

### 1- Identificação

Grau de parentesco com a criança que entrou este ano na Creche : \_\_\_\_\_

Idade do Encarregado de Educação \_\_\_\_\_

Pai/Mãe pela primeira vez? Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_ N° de filhos(as) \_\_\_\_\_

Idade da criança que entrou este ano pela primeira vez na Creche (à data da entrada) \_\_\_\_\_

Sexo da criança      Masculino \_\_\_\_\_ Sexo Feminino \_\_\_\_\_

### 2- Quais os motivos que o (a) levaram a inscreverem o seu filho (a sua filha) este ano na Creche?

Por ordem de importância

1° \_\_\_\_\_

2° \_\_\_\_\_

3° \_\_\_\_\_

### 3- Que razões o (a) levaram a escolher esta Creche?

Por ordem de importância

1° \_\_\_\_\_

2° \_\_\_\_\_

3° \_\_\_\_\_

### 4- Antes do dia da entrada na Creche foram realizadas entrevistas de modo a conhecer a educadora do seu filho (da sua filha)?

Sim\_\_\_\_ Não\_\_\_\_

### 5- Antes do dia da entrada na Creche foram realizadas entrevistas de modo a que a educadora do seu filho (da sua filha) o (a) conhecesse e conversasse sobre ele (a) com os pais/encarregados de educação?

Sim\_\_\_\_ Não\_\_\_\_

- 6- No caso de ter respondido Sim às perguntas anteriores, o que recorda dessas entrevistas (sentimentos/ impressões positivas ou menos positivas que guardou,

**Positivas**

Por ordem de importância

1º \_\_\_\_\_

2º \_\_\_\_\_

3º \_\_\_\_\_

**Menos positivas ou negativas**

Por ordem de importância

1º \_\_\_\_\_

2º \_\_\_\_\_

3º \_\_\_\_\_

- 7- Antes do dia da entrada do seu filho (da sua filha) na Creche visitou a Creche?

Sim\_\_\_ Não\_\_\_

Acompanhada pelo seu filho ( pela sua filha)?

Sim\_\_\_ Não\_\_\_

- 8- De que forma foi preparada pela Creche a entrada do seu filho (da sua filha)?

**Reunião coletiva com Encarregados de educação**

Sim\_\_\_ Não\_\_\_

**Conversa individualizada com Encarregados de Educação**

Sim\_\_\_ Não\_\_\_

**Momento individualizado com pais e criança**

Sim\_\_\_ Não\_\_\_

**Acompanhamento do seu filho na sala no(s) primeiros(s) dias**

Sim\_\_\_ Não\_\_\_

**Outra(s)Quais?**

---

---

---

**9- O que recorda de mais positivo e de menos positivo ou negativo da integração do seu filho (da sua filha) na Creche?**

**Positivas**

Por ordem de importância

1° \_\_\_\_\_

2° \_\_\_\_\_

3° \_\_\_\_\_

**Menos positivas ou negativas**

Por ordem de importância

1° \_\_\_\_\_

2° \_\_\_\_\_

3° \_\_\_\_\_

**10- Tem conhecimento das atividades que são desenvolvidas na Creche?**

Sim\_\_\_ Não\_\_\_

**11- Como tem acesso a essa informação?**

---

---

---

**12- A Creche possibilita a sua participação na sala e nas atividades ?**

---

---

---

**13- Como descreveria os seus sentimentos no primeiro dia do seu filho(filha) na Creche?**

---

---

---

**14- Como foi a adaptação da criança à Creche nas primeiras semanas?**

---

---

**15-Quais as alterações de comportamento que verificou nessa transição no seu filho (na sua filha)?**

---

---

**16- Sentiu por parte da Creche resposta às suas inquietações nestes momento de separação do seu filho(da sua filha?) ?**

---

---

**17-O que acharia importante que uma Creche garantisse com vista a um acompanhamento de qualidade da entrada da criança na na Creche?**

---

---

**Obrigado pela colaboração!**